



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

**QUEM QUER OUVIR UMA HISTÓRIA?!**  
**ESPAÇO QUE ENCANTA E ENVOLVE AS CRIANÇAS**

**JÉSSICA ARAÚJO DA CONCEIÇÃO**

**Brasília-DF**

**DEZEMBRO/2013**



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

**JÉSSICA ARAÚJO DA CONCEIÇÃO**

**QUEM QUER OUVIR UMA HISTÓRIA?!  
ESPAÇO QUE ENCANTA E ENVOLVE AS CRIANÇAS**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado como requisito parcial à obtenção de grau de licenciatura em Pedagogia, submetida à comissão examinadora da Faculdade de Educação – FE da Universidade de Brasília – UnB, sob a orientação da Prof. Dr. Ingrid Lilian Fuhr Raad.

**Brasília-DF**

**DEZEMBRO/2013**

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

**QUEM QUER OUVIR UMA HISTÓRIA?!**  
**ESPAÇO QUE ENCANTA E ENVOLVE AS CRIANÇAS**

**JÉSSICA ARAÚJO DA CONCEIÇÃO**

**Banca Examinadora**

---

Professora Doutora Ingrid Lilian Fuhr Raad (orientadora)

---

Professora Doutora Cristina Massot Madeira Coelho (examinadora)

---

Professora Doutora Patrícia Lima Martins Pederiva (examinadora)

A todas as pessoas que durante esses quatro anos sempre estiveram ao meu lado, me apoiando, me motivando, e que me ajudaram nessa conquista.

## **AGRADECIMENTOS**

Primeiramente a Deus meu pai do céu querido, que sempre cuidou de mim e não deixou que eu desistisse, mesmo quando as coisas pareciam difíceis.

Aos meus pais Rosy e Francisco por todo apoio e dedicação durante todos esses anos, pelo incentivo aos estudos e por toda confiança que depositaram em mim.

Aos meus queridos irmãos Thays e Eduardo que sempre estiveram ao meu lado.

Ao meu tio Paulo Roberto por sempre me encorajar nos estudos e por toda a disposição.

Ao meu namorado Dasaiev que me acompanhou durante todo esse percurso com muita paciência e amor.

Aos meus amigos por todo o companheirismo e por permanecerem comigo nos momentos de tribulação

À professora Ingrid por me acompanhar nessa etapa final, por toda paciência e compreensão.

À professora Patrícia e à professora Cristina que aceitaram com prontidão o convite em participar da banca examinadora.

E por fim o meu muito obrigada a todos que participaram desta jornada, serei eternamente grata.

“A imaginação é mais importante que a ciência, porque a ciência é limitada, ao passo que a imaginação abrange o mundo inteiro.”

(Albert Einstein)

“Um raciocínio lógico leva você de A a B. A imaginação leva você a qualquer lugar que você quiser.”

(Albert Einstein)

## **RESUMO**

O presente trabalho tem como objetivo investigar o envolvimento das crianças na atividade de contação de histórias como um momento de vivência e imaginação. A metodologia utilizada para este estudo foi a pesquisa participante, em que a própria pesquisadora era também a contadora de histórias. Foram realizadas dez contações, dentre as quais foram selecionadas quatro mais relevantes para análise. Baseado na teoria histórico-cultural de Vigotski, alguns conceitos como vivência e imaginação aparecem neste trabalho como fundamentais para a análise da pesquisa. A contação de histórias se revela como um momento diferenciado e único de fantasia em que as crianças têm a total liberdade, não há regras, apenas o exercício da imaginação.

Palavras chaves: Contação de histórias, Imaginação, vivência.

## **ABSTRACT**

The work aims to investigate the involvement of children with activities of storytelling as a time of experience and imagination. The research methodology used for this study was participatory research that this researcher was also the storyteller, were ten storytelling, among them it was selected four more important for analysis. It's based in Vygotsky's theory about history and culture, many concepts like experience and imagination to show in this work like very important for analysis and search. The storytelling to show like a different moment and unique of phantasy, when a child has totally freedom. Isn't exist rules, only exist is the exercise of imagination.

Keywords: storytelling, imagination, experience



## LISTA DE FIGURAS

|   |    |
|---|----|
| Figura 1- Capa história ratinho.....          | 32 |
| Figura 2- O que o ratinho está fazendo?.....  | 33 |
| Figura 3- Morango vermelho maduro.....        | 34 |
| Figura 4- Ratinho surpreso.....               | 34 |
| Figura 5- Ratinho com medo.....               | 34 |
| Figura 6- O cheiro do morango.....            | 35 |
| Figura 7- Morango colhido.....                | 35 |
| Figura 8- Urso se aproximando.....            | 35 |
| Figura 9- Morango escondido.....              | 36 |
| Figura 10- Morango guardado.....              | 36 |
| Figura 11- Morango disfarçado.....            | 36 |
| Figura 12- Ratinho escondido.....             | 37 |
| Figura 13- Cortando o morango.....            | 37 |
| Figura 14- Dividindo o morango.....           | 37 |
| Figura 15 Ratinho comendo morango.....        | 38 |
| Figura 16- Mesa vazia.....                    | 38 |
| Figura 17- Fim.....                           | 38 |
| Figura 18- Capa Menina bonita.....            | 39 |
| Figura 19- Caixa mágica.....                  | 40 |
| Figura 20- Menina bonita do laço de fita..... | 41 |
| Figura 21- Coelho.....                        | 42 |
| Figura 22- Pote de tinta.....                 | 42 |
| Figura 23- Coelho de tinta.....               | 42 |
| Figura 24- Xícara de café.....                | 43 |
| Figura 25- Jabuticabeira.....                 | 43 |
| Figura 26- Coelhinha do laço de fita.....     | 44 |
| Figura 27- Materiais contação.....            | 45 |
| Figura 28- Capa Lino.....                     | 46 |
| Figura 29- Estante de brinquedo.....          | 47 |
| Figura 30- Lua acesa.....                     | 47 |

|  |    |
|--|----|
| Figura 31-Apostando corrida.....                                 | 48 |
| Figura 32- Brinquedos.....                                       | 48 |
| Figura 33- Lino perguntando aos outros brinquedos sobre Lua..... | 48 |
| Figura 34- Lino triste.....                                      | 49 |
| Figura 35- Lino dentro da caixa.....                             | 49 |
| Figura 36- Lino encontra Estrela.....                            | 49 |
| Figura 37- Lino e Estrela Brincando.....                         | 50 |
| Figura 38- Lino e Estrela deitados.....                          | 50 |
| Figura 39- Lino e Estrela voltando para casa.....                | 50 |
| Figura 40- Lino Ansioso.....                                     | 51 |
| Figura 41- Lino esperando ver a Lua.....                         | 51 |
| Figura 42- Lino sentado na cama.....                             | 52 |
| Figura 43- Lua sorrindo.....                                     | 52 |
| Figura 44- Lino deitado.....                                     | 53 |
| Figura 45- Capa macaquinho.....                                  | 54 |
| Figura 46- Macaquinho de pelúcia.....                            | 55 |

## SUMÁRIO

|   |           |
|---|-----------|
| <b>MEMORIAL.....</b>  | <b>12</b> |
| <b>APRESENTAÇÃO.....</b>  | <b>17</b> |
| <b>CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS.....</b>                                   | <b>20</b> |
| Um breve histórico.....   | 20        |
| A literatura infantil.....  | 21        |
| O contar histórias.....   | 23        |
| Contadores de Histórias.....  | 25        |
| <b>ESPAÇO DE VIVÊNCIAS, LIBERDADE E IMAGINAÇÃO.....</b>             | <b>28</b> |
| <b>HISTÓRIAS QUE ENCANTAM.....</b>                                  | <b>32</b> |
| O Ratinho, o morango vermelho maduro e o grande urso esfomeado..... | 33        |
| Menina bonita do laço de fita.....                                  | 40        |
| Lino.....   | 47        |
| Macaquinho sai daí.....   | 55        |
| Análise das contações de histórias.....                             | 59        |
| <b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>                                    | <b>67</b> |
| <b>PERSPECTIVAS PROFISSIONAIS.....</b>                              | <b>69</b> |
| <b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>                              | <b>70</b> |

## MEMORIAL

Como é difícil parar e refletir sobre a nossa própria história, tantos momentos bons, ruins, tantas pessoas que passaram em nossa vida. São saudosas recordações que me levam a reviver essas ocasiões especiais que construíram parte da minha trajetória. As lembranças permanecem vivas, a memória me faz lembrar tudo que foi importante para mim e contribuíram para ser a pessoa que sou hoje. Ainda há uma estrada longa a seguir, mas chegar até aqui já é uma grande realização, parte do caminho. Muitas realizações, momentos de alegria, tristezas, desespero, conquistas, etc. Foi difícil, mas chegar até aqui é poder ter a certeza de parte de um sonho foi realizado.

Desde pequena minha brincadeira preferida, a da escolinha, sempre pegava agenda velha, cadernos usados da minha mãe e brincava com meus primos e mais tarde com meus irmãos. Eu sempre queria ser a professora na brincadeira, era uma briga intensa com meus primos que eram mais velhos. Para solucionar o dilema, tínhamos que resolver por sorteio para ver quem seria o professor. Quando meus irmãos estavam um pouco mais crescidinhos comecei a brincar mais com eles, e como eu era a mais velha, sempre era a professora. Havia momentos em que eles não queriam brincar comigo, dizendo que eu passava muitas tarefas. Assim, minha opção era brincar de escolinha com minhas bonecas.

Na minha família há alguns professores, não muitos, mas são pessoas que estão relacionadas a áreas específicas (História, Geografia e Inglês). Acredito que minhas experiências escolares e as professoras maravilhosas que eu tive contribuíram muito para a minha atual escolha.

Não tenho muita recordação do meu ingresso na escola, mas conversando com minha mãe a respeito, tive a oportunidade de descobrir que nunca dei muito trabalho. Desde o primeiro dia de aula, fiquei apaixonada pela escola. Minha mãe conta, que diferente das outras crianças que choravam para voltar para casa, eu chorava para ficar na escola. Comecei estudando em uma escola particular na Cidade Jardins, onde morava naquela época. Tenho uma vaga recordação que na minha infância não permanecia muito tempo em uma mesma escola, ficava aproximadamente um ano em uma determinada instituição. Acredito que tal fato contribua para que eu não me recorde das minhas primeiras experiências escolares.

Alguns anos mais tarde nos mudamos para a Cidade Ocidental, uma cidade

pequena na qual moro atualmente, chegando a estudar em três escolas diferentes da cidade. A primeira escola chamava-se “Tesouro da Criança”, nela estudei dois anos. Fiz 1ª e 2ª série o que corresponderia hoje ao 2º e 3º ano. Não me recordo de muitas amizades, pois era muito tímida quando criança. Contudo, recordo-me de adorar as professoras, eram pessoas que eu admirava muito. Eu as imitava nas minhas brincadeiras.

Na 3ª serie fui para outra escola por recomendação de amigas da minha mãe, a “Escola da Mônica”. Nessa escola fiz muitos amigos, que ainda hoje tenho contato e um enorme carinho por eles, pois me acompanharam durante muitas fases da minha vida.

Na 4ª serie fui para uma escola nova que estava inaugurando na cidade, “Escola Santo Antônio” que mais tarde tornou-se “Colégio Santo Antônio”. Minha família sempre foi muito católica e pelo fato da escola ser religiosa minha mãe resolveu matricular eu e meus irmãos nessa nova instituição. Permaneci nessa escola até o 1º do Ensino Médio. Foi a instituição em que passei maior parte da minha vida escolar. Foram seis anos de muitas descobertas, experiências, amizades, alegrias, tristezas, dificuldades, decepções, etc. Foi nessa escola que conheci minha melhor amiga, até hoje é como uma irmã pra mim. Mesmo com as dificuldades em conciliar nossos horários para nos encontrar, não perdemos contato e nossa amizade permanece firme.

Devido o alto custo para manter eu e meus irmãos em uma instituição privada, meus pais nos matricularam em escola pública de Brasília. Como meus irmãos ainda estavam no ensino fundamental, foram para uma escola diferente da minha, apesar de serem escolas próximas. Meus irmãos foram matriculados no “CASEB” e eu comecei a estudar no Centro de Ensino Médio Elefante Branco-CEMEB, ambas as escolas localizadas na Asa Sul. Foram dois anos completamente diferentes do que eu estava acostumada, sempre estudei perto de casa, e agora era obrigada a levantar de madrugada e pegar ônibus. No começo era tudo muito estranho, sempre estudei em escolas pequenas, aos poucos fui me acostumando e percebi depois que foi muito bom pra mim.

Estudar na escola pública de Brasília me transformou totalmente, comecei a conhecer outra realidade, outras pessoas, outras histórias de vida. Comecei a ter que enfrentar alguns desafios da vida, que antes eu desconhecia, como sair de madrugada e correr o risco de ser assaltada, ter que depender de ônibus, conviver

com usuários de drogas, entre outras coisas da realidade da escola pública. Essa fase me transformou em uma pessoa mais consciente, mais responsável, mais estudiosa, mais esforçada e passei a me preocupar com minha formação profissional. Comecei a planejar e pensar o que eu queria fazer em um futuro não muito distante. Passei por tantas coisas no período de ensino médio, que muito do que sou hoje, devo às experiências que tive nessa escola. Hoje eu sou agradecida por ter estudado em escola pública, apesar de minha resistência inicial. Talvez se eu não tivesse trocado de escola, não estaria onde estou hoje. Ampliei minha visão de mundo, passei a ser mais independente e isso tudo contribuiu muito com meu crescimento. O meu maior medo em trocar de escola era abandonar meus amigos, mas isso não fez muita diferença, pois além de conquistar amigos novos no CEMEB, mantive os amigos antigos e o fato da mudança de escola não atrapalhou nossa amizade, pelo contrário, só fortaleceu os laços.

O meu ingresso na Universidade de Brasília, no curso de Pedagogia, foi uma grande alegria, mal pude acreditar. Recordo-me das críticas que sofri pela escolha do meu curso, inclusive de familiares. Era sempre o mesmo discurso “Você quer mesmo ser professora? Mas você é tão inteligente! Consegue coisa melhor”. Ninguém conseguia entender que esse era o meu desejo, meu sonho desde criança, e hoje não consigo me ver em outra área de conhecimento que não seja na Educação. Desde os primeiros semestres do curso fiquei encantada com os autores e novas leituras. Foi amor à primeira vista. Agora às vésperas de me formar sinto-me ansiosa para exercer minha profissão.

No curso de Pedagogia tive a oportunidade de escolher as disciplinas que queria fazer, pude participar de projetos, pesquisas, etc. A vida acadêmica me proporcionou um grande crescimento intelectual, participei de várias atividades que contribuíram com o meu aprendizado e ajudaram-me a construir meu currículo. Pude realizar estágios que me deram a oportunidade de estar em sala de aula e ter algumas experiências iniciais como educadora. Os estágios apenas reafirmaram o meu desejo de ser professora e de estar na área da Educação.

Após alguns semestres do curso, conheci um projeto de extensão do Instituto de Psicologia/UnB denominado “Livros Abertos: aqui todos contam!” no qual pude participar de atividades presentes no projeto, uma delas consistia na prática da contação de histórias através da leitura dialógica. Foi nesse momento que vi uma oportunidade de fazer uma das coisas que mais gosto, ler para as crianças, e de

alguma maneira possibilitar a elas a experiência que eu tive com minhas professoras de educação infantil, ou seja, o gosto pela viagem imaginária da leitura.

Após um ano e meio de vivência no referido Projeto, tive de deixá-lo para estagiar em uma escola, mas, mesmo assim, não abandonei a contação de histórias. Atualmente exerço a função de professora auxiliar em uma escola privada religiosa na turma de maternal. Na rotina escolar tenho espaço para uma vez por semana realizar junto com as crianças a atividade de contação de histórias. É um momento que elas demonstram gostar muito, pois participam com muita alegria. Ao final do curso de Pedagogia, optei por pesquisar a respeito deste tema e escrever meu trabalho final. Na minha formação como pedagoga e ao longo das experiências de contação de histórias que pude vivenciar, foi possível notar como essa é uma atividade essencial para qualquer pessoa, não só para crianças, mas, também, para adultos. A história nos envolve, proporciona momentos diferenciados, viajar no tempo e para outros lugares, isso tudo é possível pela imaginação.

A Contação de histórias é o tema central desta pesquisa. É uma atividade que sempre esteve muito presente em minha vida escolar, desde o momento em que aprendi a ler, os livros começaram a fazer parte do meu cotidiano. Minha mãe sempre incentivou a leitura. Ela comprava muitos livros, e me presenteava com os mais novos lançamentos.

Tive a oportunidade de ter ótimas professoras que contribuíram com minha paixão em ler. Ainda lembro-me dos momentos mágicos de contação de histórias. Havia certas ocasiões na minha infância em que meus irmãos demonstravam certa curiosidade pelos livros, pois de tanto eu conversar com eles a respeito das histórias maravilhosas que lia, eles acabavam querendo comprovar se realmente aquilo era interessante. E como eu era a irmã mais velha, eles pediam-me para ler em voz alta.

O tempo passou, nós crescemos e a escola tomou outra configuração, era mais rígida e havia muitos professores. Agora eu tinha livros obrigatórios selecionados pela Instituição. Eles deveriam ser lidos, para que as atividades relacionadas a eles pudessem ser realizadas. Cabe ressaltar que esses livros não me interessavam muito. Além disso, era preciso decorar tudo: autor, personagens, ilustrador, cenário, etc. Esse tipo de tarefa escolar acabou com a magia da leitura, virou obrigação. Meus irmãos não pediam mais para eu ler os livros para eles e nem se interessavam mais pela leitura. Minha mãe, às vezes, tinha de brigar com meus irmãos para que lessem e tirassem boas notas nas provas. Mesmo com a leitura

obrigatória de livros que não eram interessantes para mim, não me deixei abater. Eu conhecia o mundo mágico que os livros reservavam, foi aí que passei a frequentar mais a biblioteca da escola com o intuito de buscar outras leituras que me conectasse ao mundo mágico que sempre conheci. Fiz amizade com a bibliotecária que sempre me informava das novidades. Minha ficha da biblioteca só crescia, eram muitos livros por semana e quando chegava sexta-feira era alegria certa, pois era o dia em que podia pegar mais livros do que o de costume. Eu passava os fins de semana mergulhada nos livros, enquanto meus irmãos se entretinham com a televisão.

Certo dia aconteceu na escola um concurso de literatura e a bibliotecária me incentivou a participar, devido a minha prática de leitura intensa. Para participar do concurso bastava ler alguns livros e escrever o resumo das histórias e, na data marcada, entregá-los com a bibliografia. Fiquei animada a participar e comecei a escrever os resumos dos livros que já havia lido. Conteí a minha família a respeito do concurso e eles me incentivaram a participar. Minha irmã, inclusive, dava-me os livros dela para que eu pudesse ler e resumir. Todo dia minha família me perguntava a quantidade de resumos que eu já havia feito e me animavam dizendo “Já ganhou!”. No dia da entrega do caderno de registro das leituras, eu estava com 70 livros resumidos e, muito confiante, o entreguei à professora organizadora. Uma semana depois, ela chamou-me à biblioteca para uma espécie de teste, ou seja, para saber se realmente eu havia lido os livros ou se somente havia copiado os resumos. Ela escolheu 10 livros dentre os 70 lidos e começou a fazer várias perguntas. Ao final, ela disse que eu havia me saído muito bem e que agora, era esperar o resultado do concurso no dia da feira literária.

Chegado o dia da feira literária eu estava ansiosa para a hora do resultado, nem estava prestando muita atenção nas apresentações. Quando, enfim, chegou o momento tão esperado, a diretora anunciou os ganhadores, eu ficara em 2º lugar. Foi uma notícia maravilhosa, minha família inteira ficou muito feliz. Ganhei um jantar em um restaurante a minha escolha, com direito a levar a família e mais um convidado. Atualmente continuo apaixonada pela leitura. Compartilho dessa paixão com as crianças por meio da contação de história, que é uma atividade que está muito presente em minha prática docente.



## APRESENTAÇÃO

As minhas vivências no período escolar com a literatura e as minhas experiências de contação de histórias no período da graduação, despertaram em mim o interesse em investigar sobre este tema.

Pude observar em diferentes momentos de minha experiência profissional em sala de aula, que a atividade de contação de histórias propicia o envolvimento das crianças, de tal maneira, que elas se desligam do que acontece ao seu redor, não atendem ao chamado da professora regente para a realização de uma tarefa escolar e nem ao chamado dos pais, ao final do dia, para retornarem a suas casas, sem que a história tenha sido concluída. Elas vivem as histórias plenamente, sofrem, alegram-se com os personagens e preocupam-se se tudo irá terminar bem. Por que isso acontece? Que elementos estão presentes na contação de histórias que propiciam tal envolvimento? Será porque trata-se de um espaço de liberdade e de imaginação sem cerceamento, onde a criança está livre de cobranças e de controle por parte da professora?

O presente trabalho visa analisar se o envolvimento das crianças na atividade de contação de histórias se dá pelo fato de ser um momento de imaginação, vivência e liberdade.

O estudo foi realizado na turma de maternal da educação infantil em uma instituição de ensino privado de Brasília, escola inclusiva na qual realizei anteriormente o estágio supervisionado. A escolha do ambiente se deu pelo fato de já existir certa familiaridade com a Instituição, com as crianças e pela possibilidade que a professora regente propiciou a mim de estar a frente da turma. A turma conta com 21 crianças entre meninos e meninas, de 3 a 4 anos. Duas dessas crianças, Rafael e Guilherme, são crianças diagnosticadas e incluídas no ensino regular. Rafael, nome fictício dado à criança, tem 4 anos e possui o diagnóstico de autismo leve. Todos os colegas gostam muito dele, têm paciência em ensiná-lo e sempre estão atentos a ele. Rafael não gosta muito de contato físico com as outras crianças e, por isso, muitas vezes, procura brincar sozinho. Porém, em alguns momentos ele procura se relacionar com outras crianças, pega na mão de um coleguinha ou até o abraça e brinca com os demais. Quando isso acontece as crianças comemoram, ficam muito felizes quando ele deseja estar com elas. Guilherme, também um nome

fictício, é uma criança de 4 anos, com suspeita de Transtorno Global do Desenvolvimento. Ele é muito carinhoso e gosta muito de brincar, de escutar histórias e apesar de sua dificuldade na fala sempre cumprimenta a todos que passam por ele com um sinal de “legal”. No início do ano Guilherme mordida e batia muito nas outras crianças, isso fazia com que os colegas tivessem medo e se afastassem dele. Atualmente, ele é um grande amigo de todos e se relaciona muito bem com as outras crianças que, inclusive, o ajudam a falar repetindo as palavras várias vezes.

Cabe destacar, que essas duas crianças participam e demonstram interesse pelo momento da contação de histórias da mesma forma que as outras crianças. Escutar histórias é uma atividade que encanta a todas as crianças e as envolve de uma maneira única, não há distinção, não há seleção, não importa se a criança consegue ou não fazer algo, cada uma vivencia de maneira particular esse momento tão encantado e apreciado por elas.

A investigação consistiu em contações de histórias, sendo utilizados materiais como livros, bonecos e objetos que as caracterizavam. Os referidos materiais foram organizados e confeccionados pela pesquisadora, que realizou a atividade de contar histórias. Os encontros com as crianças para a realização da atividade desta pesquisa, além da observação em sala de aula, foram gravados e registrados em um diário de campo, totalizando aproximadamente 20 horas. Foram observadas as falas das crianças e sua participação ativa na história, que juntamente com os estudos realizados foram cruciais para o desdobramento da pesquisa. Das dez contações registradas, quatro delas foram selecionadas, por demonstrarem melhor o envolvimento das crianças na referida atividade.

O presente trabalho está organizado em quatro partes divididas da seguinte forma: A Contação de Histórias; Espaço de Vivência, Liberdade e Imaginação, Histórias que Encantam e sua análise e considerações finais. O primeiro capítulo traz em seu enredo a contação de histórias com um breve histórico da oralidade em relação à literatura infantil, a importância do contar histórias, e a prática do contador de histórias. No segundo capítulo são apresentados os conceitos de vivência e de imaginação segundo a teoria histórico-cultural de Vygotski que servirão de base para a análise do envolvimento das crianças na atividade de contação de história.

O terceiro capítulo traz algumas contações que foram realizadas em sala de aula juntamente com as crianças e uma análise dos quatro momentos. E por fim, as

considerações finais a respeito da pesquisa realizada, e as perspectivas profissionais concluem o trabalho.

## A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS

### Um breve histórico

Quem nunca teve oportunidade de escutar uma boa história? Na infância, na adolescência, na idade adulta ou até mesmo na velhice? Contar e ouvir histórias são práticas comuns a todas as idades. Desde muito pequena a criança já tem contato com narrativa oral, por meio da voz de seus pais, de professores na escola, etc (ABRAMOVICH, 1994). Através das histórias contadas as crianças passam a conhecer o universo mágico que está por trás dos livros, sentindo emoções importantes e vivenciando cada momento junto com os personagens. É um momento constituído de muita imaginação e liberdade.

O ato de contar histórias é uma prática muito antiga e comum em diferentes culturas, trata-se de um saber comum que perdurou até os dias atuais. O contar artístico do homem originou-se a partir do momento em que se sentiu a necessidade de procurar uma explicação qualquer para os fatos que aconteciam a sua volta (GOÉS, 1984.). Antes mesmo do advento da escrita as histórias contadas vinham dos conhecimentos e das experiências das pessoas, que eram passadas de geração em geração através da oralidade carregadas de fantasias e memórias (SANTOS, 2010).

Os contadores de histórias se fazem presentes nas mais diversas culturas; para os gregos se chamava *rapsodo*, para os africanos *griout*, para os celtas era *bardo*, ainda que tenham nomes diferentes todos são contadores de histórias que utilizavam da oralidade para transmitir os costumes, passar ensinamentos, informações, vivências e até mesmo revelar a magia através de contos. Segundo Santos (2010 p. 112).

entender a cultura oral é buscar entendimento da formação das culturas que a utilizavam anteriormente ao surgimento da escrita e àqueles povos que, mesmo com a escrita sistematizada, fazem uso da força da palavra para a perpetuação de sua cultura, de sua ancestralidade.

No período da Idade Média a contação de histórias era um momento de lazer comum entre adultos e crianças. Os narradores viajavam de cidade em cidade e contavam histórias com seres fantásticos como: bruxas, fadas, princesas, duendes, gigantes, reis, entre outros personagens, e além de seu caráter de diversão a contação de histórias trazia e revelava uma perspectiva de mundo baseada no extraordinário (MAGALHÃES, 2010).

A contação de história foi de extrema importância para o nascimento da literatura infantil, pois serviu como base para o surgimento dos primeiros livros destinados às crianças a partir de contos recolhidos da tradição oral. A escrita teve relevante contribuição para manter preservadas as narrativas orais desde as mais antigas como do Egito e da Mesopotâmia, até as mais modernas como os contos de fadas e as fábulas.

A arte primitiva de colher e narrar acontecimentos de forma fantasiosa, adquiriu, ao longo da história, diversas formas, como fábulas, lendas, canções de gesta, rapsódias, cânticos, historietas, parábolas, salmos, provérbios, hagiografias e um sem-fim de relatos orais. Todas essas oralidades, com o decorrer dos tempos, acabaram sendo registradas na forma escrita, compondo o acervo da grande literatura ocidental, mas ainda hoje persistem os relatos orais de causos, lendas e outras formas literárias a ser pesquisadas e registradas (SOUZA, 2010, p. 9).

## **A literatura infantil**

A literatura é a arte das palavras, ela se materializa por meio da oralidade e da escrita (SOUZA, 2010). Foi em meados do século XVII com a publicação “Os contos da mamãe Gansa” pelo francês Charles Perrault que se dá início a uma literatura específica para as crianças.

Quem não conhece a história da menininha de capuz vermelho que ao levar doces para a sua vó acaba encontrando com o lobo mal? Quem nunca ouviu falar da donzela que perdeu seu sapatinho de cristal ao sair do baile a meia noite? Chapeuzinho vermelho e Cinderela são apenas alguns dos contos de Perrault que fazem sucesso até mesmo com as crianças da atualidade.

Outros precursores da literatura infantil foram os alemães Jacob e Wilhelm Grimm, mais conhecidos como os irmãos Grimm, que no início do século XIX

passaram por diferentes cidades da Alemanha buscando histórias da tradição oral, para conservar as tradições nacionais (MAGALHÃES, 2010). Um dos grandes clássicos dos irmãos Grimm é a história da “Branca de Neve”, a princesa que passa a morar com sete anões na floresta para se proteger da sua madrasta malvada que quer matá-la.

Além de Perrault e dos irmãos Grimm o dinamarquês Hans Andersen também teve uma notável contribuição para a literatura infantil. Andersen é considerado o maior poeta da literatura infantil, pois encontramos em suas obras os mais diversos estilos literários recheados de fantasia e beleza (CARVALHO, 1987). Assim como os irmãos Grimm Andersen recolhe contos do folclore da Dinamarca e publica juntamente com suas histórias conhecidas ainda nos dias de hoje como “O soldadinho de Chumbo” e “A pequena sereia” (MAGALHÃES, 2010).

Perrault, os irmãos Grimm e Andersen contribuíram de forma fundamental com literatura infantil, suas histórias ainda hoje permanecem vivas e são conhecidas por pessoas de todas as idades. Carvalho (1987) afirma que os contos desses autores são conhecidos pelas crianças antes mesmo delas serem alfabetizadas, pois fazem parte da vida sentimental da criança.

No Brasil a literatura destinada à infância surge em meados do século XIX. Os livros escritos por pedagogos e professores tinham como objetivo instruir o comportamento das crianças e adolescentes eram histórias de cunho moral e de exaltação à pátria (MAGALHÃES, 2010). Mesmo esta sendo uma literatura para crianças, o objetivo central dos livros infantis nessa época é educativo, dessa forma o livro infantil começa a fazer parte do ensino formal do sistema educacional burguês sendo para fins didáticos.

Somente no século XX que as histórias infantis ganham ênfase e passam a ser importantes para o desenvolvimento infantil (MAGALHÃES, 2010). Monteiro Lobato é o principal representante da literatura infantil no Brasil, inspirado nas próprias crianças ele cria um mundo para elas e diferentemente dos autores estrangeiros ele criou seus próprios contos e não recriou de outros (CARVALHO, 1987).

Atualmente encontramos uma vasta literatura infantil com a finalidade principal de divertir e educar as crianças, e entre seus principais representantes brasileiros estão Monteiro Lobato, Ziraldo, Ana Maria Machado, Sílvia Orthof, Ruth Rocha, entre outros.

## O contar histórias

O ato de ouvir histórias é uma prática muito apreciada pelas crianças desde muito pequenas. Ao escutar uma história elas sentem e vivem o enredo de tudo o que está sendo narrado. A prática da leitura em voz alta por um adulto ou por uma criança é o que chamamos de leitura compartilhada, dentro desse tipo de leitura existem dois tipos principais, são eles a leitura dialógica e a leitura convencional. Na leitura convencional o adulto é o contador de histórias e o centro da atividade, as crianças são apenas ouvintes e sujeitos passivos. Esse estilo de leitura compartilhada é muito usual no ambiente da educação infantil, em que a criança é convidada a apenas escutar a história (WESSELING; LACHMANN, s.d). Diferentemente desse estilo clássico de contação de histórias a leitura dialógica vem trazer a criança como sujeito ativo e participativo que se mistura com a narrativa (WESSELING; LACHMANN s.d).

A leitura dialógica é baseada na constante interação entre contador e ouvinte, fazendo com que dessa forma a criança se torne parte da história e não seja apenas um sujeito passivo. Durante a contação são realizadas algumas perguntas, comentários pela contadora, não como uma espécie de teste ou avaliação para ver o que a criança aprendeu com a história, mas como forma de envolvê-la cada vez mais com o enredo. Essa técnica de leitura dialógica foi descrita pela primeira vez por Whitehurst e colaboradores (1998).

Contar histórias significa muito mais do que ler ou simplesmente transmitir aquilo que foi lido ou ouvido, contar histórias é uma arte, é viver aquela narrativa fazendo com que os ouvintes mergulhem em um mundo mágico de fantasias descobrindo outros lugares, viajando no tempo, sentindo emoções e passando por novas experiências. Trata-se de um momento em que não há regras ou cobranças, apenas a escuta atenta que permite o estímulo do imaginário. Abramovich (1994) afirma que uma das atividades mais profundas, significativas, envolventes e provocadoras dentre as mais variadas, é a que perpassa o ouvir de uma boa história, quando bem contada.

O principal objetivo da contação de histórias é o de criar as condições para possibilitar um olhar com os olhos da imaginação, pois esta, é umas das atividades fundamentais para a formação da personalidade da criança (CARVALHO, 1987).

Segundo Santos (2010) quando a voz do contador traz a oralidade para os ouvintes, as pessoas envolvem-se com a história e esquecem-se por alguns instantes dos atropelos do dia a dia, desligando-se totalmente do ritmo alucinado e frenético que tomou conta da nossa sociedade atual. O encantamento começa logo na primeira frase onde em cada história é anunciada uma nova fantasia,

aquela voz que pela primeira vez engravidou os ouvidos que a ouviram dizer, na língua que fosse (o sotaque não importa): “Era uma vez...”, permanece soando, ecoando pelo mundo todas as vezes que um contador de histórias as repete. A eternidade da palavra falada está aí! Nunca se perde, ainda que os sotaques e as traduções a modifiquem. Sua essência permanece viva, presente naqueles que a repetem, que a fazem soar, engravidando os ouvidos e as almas daqueles que ouvem as histórias e se permitem viajar na atemporalidade dos ambiente mágicos presentes nas narrativas orais, na voz de quem as faz ecoar no fundo da vida daqueles que atinge (SANTOS, 2010, p.122 -123)

Como é gratificante ver nas crianças o encantamento e a magia presentes em seus olhares e perceber tamanho envolvimento delas com uma história. A surpresa, a dúvida, a alegria, o medo, são apenas alguns sentimentos que são expressos pelas crianças no momento contação de história. É possível perceber, também em suas faces, em suas falas, em seu modo de olhar, formas de expressão de emoções diversas vivenciadas pelas crianças por meio da história e dos personagens com os quais ela se relaciona. Esses são, apenas, alguns aspectos que revelam como a criança desfruta desse momento.

As histórias provocam emoções e sentimentos de modo a revelar sonhos, imagens, fantasias, ideias, desejos e necessidades, pois tanto a leitura compartilhada como a leitura individual nos leva a sonhar acordado. É possível assim, destacar o poder mágico das histórias e dos contadores de histórias em possibilitar à criança o exercício da imaginação e fazer com que ela desfrute do seu momento de liberdade viajando em mundos distantes, e se entusiasmando com os personagens a ponto de vivenciar seus dramas e de sentir suas emoções. Na leitura compartilhada as crianças tentam a sua maneira ajudar na resolução dos conflitos presentes na história, além da curiosidade em descobrir o que acontece ao final.

A contação de histórias tornou-se um momento tão diferente dentro do ambiente escolar, tão agradável, que podemos até mesmo igualar ao momento da



brincadeira onde todos querem participar, e estar envolvidos. A brincadeira e a contação de história se assemelham quanto ao interesse das crianças por essas atividades. Na escola um dos momentos mais aguardados pelas crianças é a hora do parquinho, onde elas podem brincar livremente sem ter nenhum professor orientando, ou mesmo colocando regras nas brincadeiras. O mesmo acontece na contação de histórias compartilhada em que a criança participa sem que ninguém regule ou controle seus pensamentos e sua imaginação. Ela é livre para pensar no que quiser, não há regras, não há ninguém para dizer o que pensar, existe apenas a escuta e a imaginação.

A maneira como as crianças experimentam a contação de histórias é de uma forma única. Ao mesmo tempo em que elas estão ali acomodadas e atentas à história podem estar viajando por muitos lugares para além do espaço físico. É um instante de liberdade. As formas de expressão das crianças revelam veracidade no momento da contação de histórias, se ela está com medo de algum personagem malvado que aparece na história, ela não se preocupa em gritar, fazer cara de medo ou até mesmo de dizer que está com medo, são sentimentos verdadeiros que surgem como uma ação imediata à história vivida naquele momento.

### **Contadores de histórias**

Como um simples livro e uma pessoa podem proporcionar experiências tão fascinantes de encantamento para as crianças? Na verdade não é um simples livro e uma pessoa, mas a união dos dois que faz a mágica acontecer, o contador de histórias não é somente aquele que vai narrar um fato, ou apenas ler um livro, mas aquele que “quando conta história, se torna a própria história” (BUSATTO, 2011, p.).

Quando falamos de contação de histórias podemos considerar uma série de fatores para que a criança seja envolvida por aquela narrativa a ponto de vivenciar aquele momento: a escolha de um bom livro, o ambiente e a forma como as crianças estão acomodadas, e o principal, o contador de histórias precisa estar preparado para o momento. O contador de histórias tem o papel fundamental de proporcionar esse momento de encantamento às pessoas. Ele deve ser aquele que vai sentir a

história primeiro que os ouvintes, a ponto de permitir que a história se torne viva naquele momento através de sua oralidade e de sua performance.

O contador de histórias, ao se aproximar da voz de outros narradores, quer ouvindo ou lendo os relatos, faz a história, oriunda da cultura oral criar vida e voz, com timbres diferentes daqueles de onde surgiram tais narrativas (SANTOS, 2010, p. 115).

Abramovich (1994) afirma que não se pode escolher qualquer livro e ler uma história de qualquer forma para as crianças, é preciso estar familiarizado com o texto, pois além de ser possível o narrador se espantar com o conteúdo do livro, pode cometer algumas “gafes” como pronunciar alguma palavra errada, gaguejar, etc. É possível que a história nem seja tão boa, mas é através do contador que ela irá se transformar na melhor história do mundo, ou ao contrário, se for uma boa história, mas se não for bem contada, pode se transformar na pior história do mundo. Segundo Tierno (2010, p.22)

a narrativa de uma história, portanto, pressupõe a criação de uma relação de encontro. Encontro definido aqui como espaço metafórico em que o narrador e o ouvinte habitam ao mesmo tempo. Não é o lugar do narrador, não é o lugar do ouvinte. É um terceiro lugar, um lugar ainda vazio, que será habitado pela primeira vez, por ambos, no instante presente da história narrada.

Tahan (1996) aponta algumas características e qualidades importantes de um bom contador de histórias:

- Sentir, viver a história; ter a expressão viva, ardente, sugestiva;
- Narrar com naturalidade;
- Conhecer com absoluta segurança o enredo;
- Envolver o público;
- Contar dramaticamente;
- Falar com voz clara, adequada e agradável;

- Evitar cacoeetes;
- Maravilhar-se com a própria história.

Essas são apenas algumas dicas que fazem com que o contador possa conduzir o ouvinte a aventurar-se na fantasia. Não existe uma receita pronta ou um manual específico de como ser um contador de histórias, o que vemos em alguns livros são apenas algumas sugestões para que se faça uma boa contação, da mesma maneira não existem pessoas que nascem prontas para serem contadoras de histórias. A contação de história é criação e o contador é um artista que deve despertar no ouvinte o interesse pela fantasia.

Hoje o contador de histórias é visto como um artista que busca se apropriar de técnicas e formas de contar histórias. Na verdade não existe uma técnica propriamente dita uma vez que cada contador de histórias faz uso da sua própria cultura-oral e escrita- para construir-se enquanto contador de histórias. O contador de histórias cria e recria um universo de onde ele mesmo surgiu e, ao fazer isso, permite que outros recriem seus próprios universos (SANTOS, 2010, p.115).

Cada contador tem seu modo particular de contar histórias, nenhuma contação é igual à outra, ainda que se utilizem técnicas semelhantes, cada um tem seu modo individual, ou seja, cada contador possui uma performance própria. Santos (2010, p.116) afirma que

as pausas, o suspense, as vozes, gestos e olhares são elementos que diferenciam um contador de outro ou do ato de apenas ler uma história para determinada plateia. Contar histórias implica dar vida ao que foi ouvido ou lido.

O contador de história tem um importante papel de possibilitar às pessoas conhecer novos lugares por meio da descrição do cenário, novos personagens por meio de sua interpretação, mundos encantados, sentimentos diferentes, novos conhecimentos e outros mistérios escondidos nos livros a cada nova história.

Dessa forma, o contador de história precisa ser comprometido com seu

trabalho, pois não é uma simples tarefa de ler um livro para alguém, mas transmitir uma vivência nova, possibilitar um momento único e diferenciado.

## **ESPAÇO DE VIVÊNCIAS, LIBERDADE E IMAGINAÇÃO**

Para o exame do envolvimento das crianças na contação de histórias, dois conceitos desenvolvidos por Vigotski são essenciais para esta pesquisa, imaginação e vivência. Esses conceitos estão na base da atividade de contação de história. Cada criança vivencia aquele momento de uma forma única e particular, ou seja, a emoção que uma criança expressa em uma dada situação não é a mesma que outra criança demonstra.

O modo como as crianças percebem uma mesma situação da história contada é singular, isto é, o sentido é diferente para cada uma delas. A imaginação nesse momento aparece como principal orientadora da atividade de contação de histórias, pois é por meio dela que as crianças irão criar seus próprios mundos, inventam seus próprios personagens, ou seja, a imaginação abre portas para um universo mágico e particular.

No ideário social é comum ter a ideia de que a imaginação é uma atividade de divertimento da mente, uma atividade isolada. Porém, os estudos de Vigotski demonstram que se trata de uma “função vital necessária” (2009, p.20), uma função psíquica importante para o desenvolvimento da criança.

Para Vigotski o conceito de imaginação está presente na “atividade criadora do homem em que se cria algo novo” (2009, p. 11). Tudo que está na vida cotidiana foi construído pelo homem, a cultura é produto da imaginação. Todos os objetos que fazem parte da cotidianidade são produtos da imaginação cristalizada, ou seja, são produtos da imaginação que se tornaram reais. Todo o nosso dia a dia está repleto de atividade criadora. Para Vigotski (2009, p.15)

a criação, na verdade, não existe apenas quando se criam grandes obras históricas, mas por toda parte em que o homem imagina, combina, modifica e cria algo novo, mesmo que esse novo se pareça a um grãozinho, se comparando às criações dos gênios.

Desde a primeira infância já é possível observar processo de criação e isso é mais evidente em suas brincadeiras, pois é um ponto fundamental para o desenvolvimento geral e o amadurecimento da criança (VIGOTSKI, 2009, p.16). Em suas brincadeiras, as crianças procuram imitar alguns papéis dos adultos, mas isso não significa dizer que elas estão apenas reproduzindo algo, pois elas combinam elementos da realidade e das experiências anteriores em seu processo de criação (VIGOTSKI, 2009).

Vigotski (2009) aponta quatro formas principais de relação entre a atividade criadora da imaginação e a realidade. A primeira delas consiste no fato da experiência anterior servir de base para a atividade de imaginação, pois se sabe que a imaginação não surge de uma forma sobrenatural, mas combina elementos da realidade que se transformam em imagens fantásticas. O acúmulo de experiências anteriores faz-se como um princípio básico para a construção da fantasia na criança, por isso é necessário ampliar as experiências iniciais do indivíduo. Como diz Vigotski (2009, p.23) quanto

mais a criança viu, ouviu e vivenciou, mais ela sabe e assimilou; quanto maior a quantidade de elementos da realidade de que ela dispõe em sua experiência – sendo as demais circunstâncias as mesmas-, mais significativa e produtiva será a atividade de sua imaginação.

O teórico assevera que a segunda forma de relação entre imaginação e realidade consiste no resultado final da fantasia em ligação com a realidade. Um exemplo dessa segunda relação seria a partir da fala do Outro – como, por exemplo, uma pessoa contando como ocorreu uma viagem – em que o sujeito consiga criar para si mesmo toda a imagem do que foi narrado. É importante ressaltar que nessa forma de relação a experiência do Outro se torna essencial, a partir do momento que se tem a possibilidade de ter experiências novas pela vivência do Outro. Pode-se afirmar que existe uma total dependência recíproca entre fantasia e experiências, pois em ambas as formas de relação uma se apoia na outra. Ele argumenta que se

ninguém nunca tivesse visto nem descrito o deserto africano e a Revolução Francesa, então uma representação correta desses fenômenos seria completamente impossível para nós. É devido ao fato de que a minha imaginação, nesses casos, não funciona livremente, mas é orientada pela experiência de outrem, atuando

como se fosse por ele guiada, que se alcança tal resultado, ou seja, o produto da imaginação coincide com a realidade (VIGOTSKI, 2009, p.25).

O caráter emocional aparece como sendo a terceira forma de relação entre imaginação e realidade que nos revela uma via de mão dupla, tanto o sentimento influenciando sobre a imaginação como também o fator inverso, ou seja, a imaginação influi sobre o sentimento. As pesquisas na psicologia mostram que “o fato de qualquer sentimento não tem apenas uma expressão externa corporal, mas também uma interna, que se reflete na seleção de ideias, imagens e impressões” (VIGOTSKI, 2009, p.26).

A última forma de relação entre fantasia e realidade diz respeito à representação da imaginação em sua forma concreta, em que torna-se real e, assim, contribui com o mundo que está em volta. Segundo Vigotski, os produtos da imaginação constituem-se de elementos retirados “da realidade [...] e submetidos a uma complexa reelaboração, transformando-se em produtos da imaginação” (2009, p.30). A imaginação cristalizada retorna à realidade influenciando sobre ela. Além do fato da imaginação ser uma atividade criadora do ser humano ela é também uma importante ferramenta que proporciona momentos de liberdade para o indivíduo.

Carvalho (1987) afirma que a imaginação é uma forma de conquista de liberdade, que quando bem motivada é uma fonte de libertação em abundância pelo espírito. Por meio da imaginação a criança constrói seu mundo mágico, onde ela é dona absoluta e pode fazer o que quiser (CARVALHO, 1987).

Outro conceito que deve ser apontado para compreender o que acontece no momento da contação de histórias é o conceito de vivência. No estudo realizado por PRESTES (2010) a vivência – perejivanie – para a psicologia histórico-cultural de Vigotski é assim definida:

Perejivanie para a criança é exatamente uma unidade simples, relativa à qual não se pode dizer que represente uma influência do ambiente sobre a criança ou uma especificidade da criança; perejivanie é exatamente a unidade da personalidade e do ambiente, assim como está representada no desenvolvimento. Por isso, no desenvolvimento, a unidade dos aspectos da personalidade realiza-se numa série de perijivanie da criança. Perejivanie deve ser entendida como uma relação interna da criança como pessoa com um ou outro aspecto da realidade (VIGOTSKI *in* PRESTES, 2010, p.120)

Crianças que passam por uma mesma experiência, em uma mesma situação social, terão vivências distintas. O modo como cada criança vive dada situação em um ambiente social idêntico ao de outra criança, terá significados diferentes para cada uma delas, pois a situação social vivenciada é singular (VYGOTSKI, 1996).

Segundo Vigotski (1996) a criança pequena, antes dos sete anos, não conhece suas próprias vivências, pois ela ainda não possui uma conduta intelectual ou uma orientação consciente de suas próprias vivências. Diferentemente do adulto, ou até mesmo de crianças maiores, a criança pequena não tem receio de se expressar tal como se encontra em um determinado momento, pois a sua espontaneidade está muito presente. Ela não dá importância ao fato de que seu comportamento possa gerar risadas, ou até mesmo, certo estranhamento. Ela se diverte independentemente dos outros. No momento de contação de histórias a criança demonstra aquilo que é legítimo a ela, não há nenhum tipo de comportamento forçado, mas algo verdadeiro expresso por ela. É possível afirmar que “sendo a vivência uma particularidade, não há possibilidades de tratar as atividades de modo generalizado” (RAAD, 2013, p.198), pois cada criança interpreta e vive a história à sua maneira.

## HISTÓRIAS QUE ENCANTAM

O momento da contação de histórias é sempre muito aguardado pelas crianças, pois é nele que elas podem se libertar de todo aquele ambiente no qual estão aprisionadas por regras, normas e comandos. Elas podem viajar na imaginação. As contações de histórias para esta pesquisa foram realizadas em uma turma de educação infantil de crianças de 3 a 4 anos.

A educação infantil, primeiro nível da educação básica, segundo a LDB 9394/96 tem como objetivo o desenvolvimento integral da criança em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social complementando a ação da família e da comunidade. As atividades escolares reservadas para as crianças muito pequenas nesse nível de ensino são planejadas de uma forma diferenciada, contemplando a espontaneidade da criança e seu desenvolvimento pleno. É nesse cenário da educação infantil que a contação de histórias deveria aparecer como uma atividade de extrema importância a fim de enriquecer as experiências das crianças. Propiciar a elas situações que possibilitem o desenvolvimento da imaginação, do pensamento e da fala.

Serão apresentados a seguir quatro momentos de contações de histórias, em que é possível perceber o envolvimento e o encantamento das crianças através de alguns recortes de suas falas.



## O RATINHO, O MORANGO VERMELHO MADURO E O GRANDE URSO ESFOMEADO.



Figura 1: Capa história ratinho  
Fonte: fotografado em 01/12/2013

Era fim da tarde, já estava quase na hora da saída. As crianças estavam muito agitadas. Não tinham mais tarefas para serem realizadas, dado que elas ficaram durante toda a tarde fazendo os trabalhos atrasados de sala de aula requeridos pela professora. Restava apenas deixar as crianças esperando seus pais, mas como deixá-las durante vinte minutos com tempo ocioso sem que elas ficassem agitadas? argumentou a professora. Foi nesse momento que pedi licença a ela e perguntei se poderia ler uma história. Sempre carrego um livro comigo para quando tiver a oportunidade poder contar histórias para as crianças. A professora autorizou e agradeceu dizendo que seria uma forma de todos ficarem “comportados” até a hora dos pais chegarem. No momento que a professora autorizou, peguei o livro na mochila e anunciei às crianças:

*“Quem quer ouvir uma história?!”*

*“Euuuuuuuuu!”* todas juntas responderam

A alegria foi instantânea, sem precisar dizer nada, as crianças se sentaram em círculo e esperaram que eu me acomodasse junto a elas para contar a história. Guilherme havia passado toda a tarde muito agitado, mas quando ele viu seus colegas sentados em círculo e o livro na minha mão entendeu logo o recado e se sentou bem pertinho de mim. Rafael estava distraído brincando com os brinquedos da sala, mas quando viu as outras crianças se sentando em círculo juntou-se a elas.

Assim que todos estavam preparados comecei a história. A primeira coisa foi conversar com as crianças sobre a capa e o título:

*“O ratinho, o morango vermelho maduro e o grande urso esfomeado”.*

Fiz um grande suspense do que seria este livro, e enfatizei com voz grave a parte do título que faz referência ao grande urso esfomeado.

*“Oi, Ratinho. O que você está fazendo?”*

Começou um grande alvoroço na sala, todos estavam querendo falar ao mesmo tempo, com os olhos fixados na ilustração do ratinho segurando uma escada e olhando para eles, então perguntei:

*“O que será que esse ratinho está aprontando?”*



Figura 2: O que o ratinho está fazendo?  
Fonte: Fotografado em 01/12/2013

Uma das crianças disse:

*“Ele vai fazer baguncinha tia!”.* Todas as crianças começaram dar risadas, pois gostaram da ideia de que o ratinho iria bagunçar tudo, assim continuei:

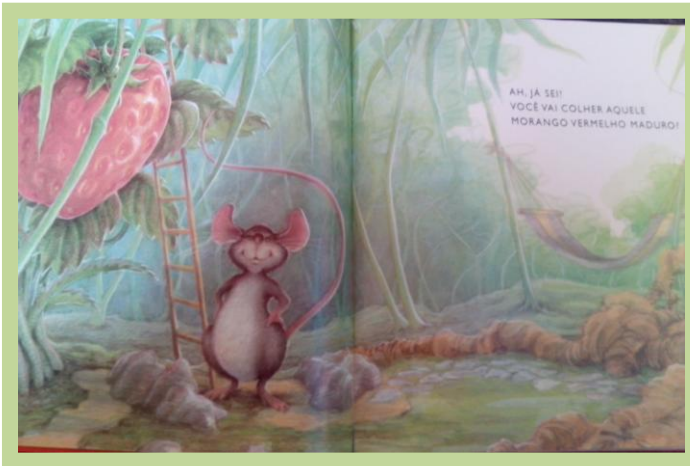


Figura 3: Morango vermelho maduro  
Fonte: Fotografado em 01/12/2013

*“Ah, já sei! Você vai colher aquele morango vermelho maduro? Alguém aqui gosta de morango?”*

A resposta foi instantânea:

*“EU!!!!!!”*

Todas as crianças responderam, Bruno que estava mais próximo a mim também levantou sua mão.

*“Mas, Ratinho, você não ouviu falar do GRANDE URSO ESFOMEADO? O que???? Um urso??? Ahh não! Eu tenho medo de ursos e vocês?”*

Várias crianças começaram a falar:

*“Eu também!”* outras diziam:

*“Eu sou forte não tenho medo de nada!”.*



Figura 4: Ratinho surpreso  
Fonte: Fotografado em 01/12/2013

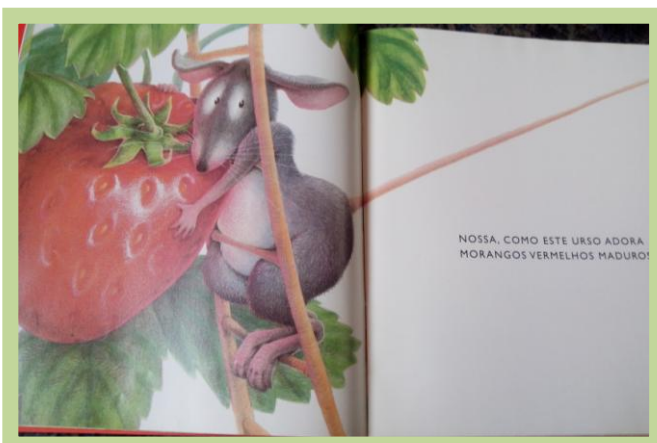


Figura 5: Ratinho com medo  
Fonte: Fotografado em 01/12/2013

*“Nossa, como este urso adora morangos vermelhos maduros! Ahh não turminha! O que nós vamos fazer se esse urso quiser pegar nosso morango?”*

Uma criança disse: *“É só a gente correr bem rápido!”* outras diziam: *“Vamos comer o morango logo!”.*

“O GRANDE URSO ESFOMEADO consegue sentir o aroma de um morango vermelho maduro a quilômetros de distância... E agora turminha? O que vamos fazer ele já tá sentindo o cheiro. Hum!!!!!! Que cheirinho gostoso de morango! Vocês estão sentindo o cheiro?”

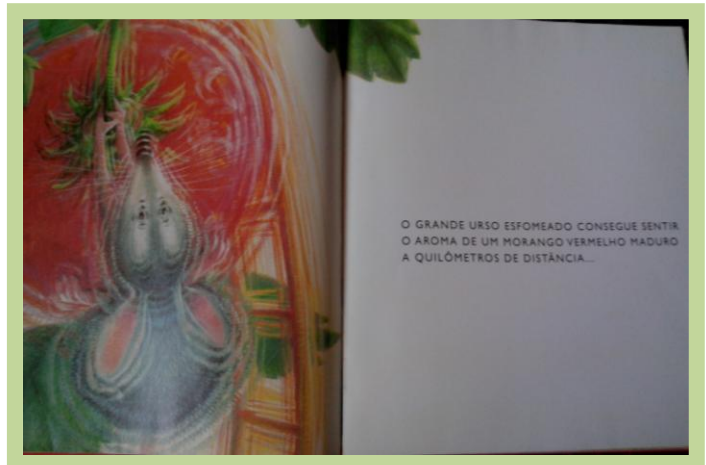


Figura 6: O cheiro do morango  
Fonte: Fotografado em 01/12/2013

Todas as crianças começaram a fazer um gesto como se estivessem sentido um cheiro.

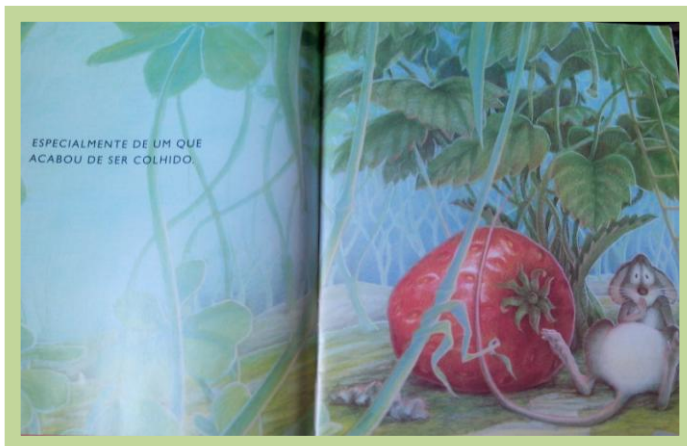


Figura 7: Morango colhido  
Fonte: Fotografado em 01/12/2013

“Especialmente de um que acabou de ser colhido. E agora turminha? O que vamos fazer para o urso não comer nosso morango? Temos que ajudar o ratinho!” as crianças começaram a demonstrar preocupação.

“BUM! BUM! BUM! O URSO vai marchar pela floresta com suas enormes patas E... SNIF! SNIF! SNIF! Farejar e encontrar o morango... Ai turminha! Tô ficando com medo!”



Figura 8: Urso se aproximando  
Fonte: Fotografado em 01/12/2013

Nesse momento os pais começaram a chegar, mas isso não atrapalhou em nada a contação de história. As crianças estavam tão fixadas, que pela primeira vez elas apenas iam falar com os pais e voltavam para a rodinha. Normalmente quando os pais chegam as crianças correm para o parque, mas nesse dia, em especial, isso não aconteceu. Então continuei a história: *“Não importa onde ele esteja escondido...*

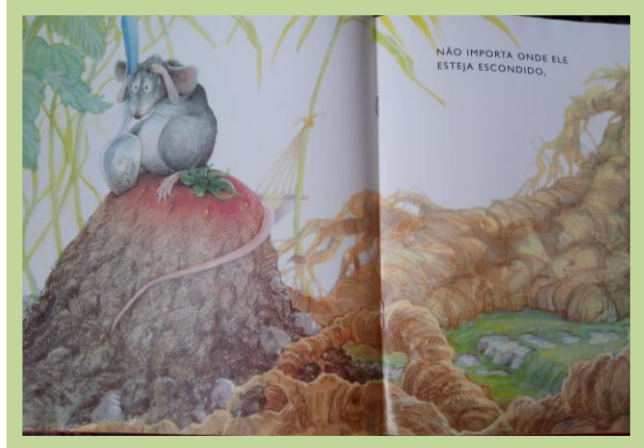


Figura 9: Morango escondido  
Fonte: Fotografado em 01/12/2013

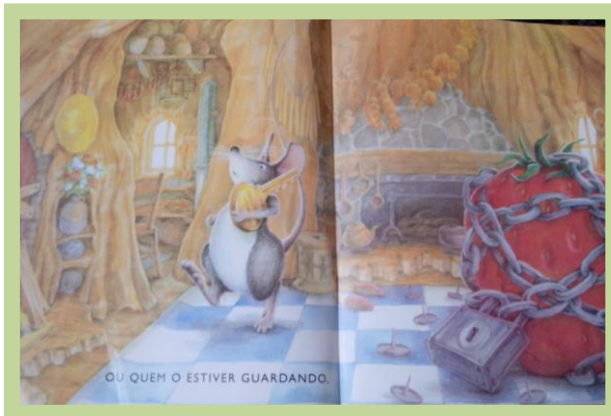


Figura 10: Morango guardado  
Fonte: Fotografado em 01/12/2013

*Ou quem o estiver guardando...*

*Ou como ele estiver disfarçado.*

*Vamos esconder o morango turminha!”*

Todas as crianças fizeram o gesto de como se estivessem escondendo alguma coisa. Os pais foram se acumulando na porta, e alguns não tiveram paciência para esperar, chamavam seus filhos para irem logo e as crianças saíam tristes querendo ouvir o resto da história. Algumas chegavam até a chorar, e eu dizia para elas:

*“Amanhã eu conto de novo!”.*



Figura 11: Morango disfarçado  
Fonte: Fotografado em 01/12/2013

*“Rápido! Só há uma maneira no mundo inteiro de salvar um morango vermelho maduro de um urso esfomeado!”*



Figura 12: Ratinho escondido  
Fonte: Fotografado em 01/12/2013

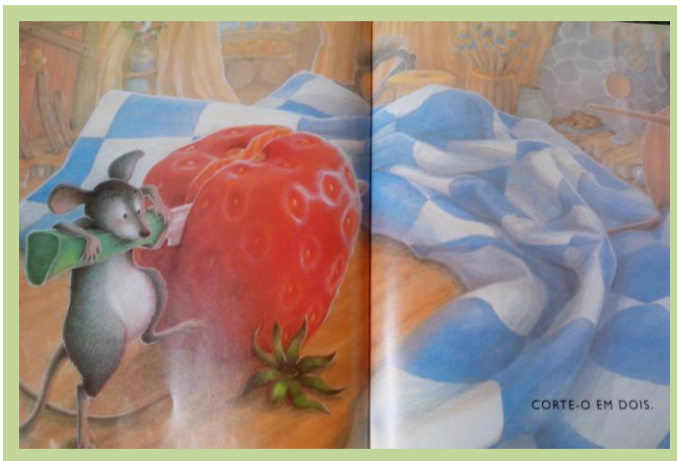


Figura 13: Cortando o morango  
Fonte: Fotografado em 01/12/2013

*Corte-o em dois. Todo mundo cortando o morango!”*

As crianças imitavam o ratinho fazendo o gesto como se estivesse cortando alguma coisa.

*“Divida a metade comigo. Olha que legal turminha o ratinho tá compartilhando o morango dele com a gente!”*

Comecei a passar o livro por cada criança para que elas pegassem a metade do morango que o ratinho estava entregando para eles.



Figura 14: Dividindo comigo  
Fonte: Fotografado em 01/12/2013

*“E nós dois vamos comê-lo todinho.  
HUM! Que delícia esse morango!  
Hummmm! Tá muito gostoso! Quem  
gostou do morango?”*

As crianças faziam o gesto como se estivessem comendo algo e diziam: *“Tá muito gostoso tia!”*.



Figura 15: Ratinho comendo morango  
Fonte: Fotografado em 01/12/2013



Figura 16: Mesa vazia  
Fonte: Fotografado em 01/12/2013

*“Pronto. Este é um morango vermelho maduro que o GRANDE URSO ESFOMEADO jamais comerá! Conseguimos turminha! O grande urso esfomeado não comeu nosso morango e o ratinho ficou com a barriga cheia do morango que ele comeu. Fim!”*



Figura 17: Fim  
Fonte: Fotografado em 01/12/2013

As crianças aplaudiram e os pais logo as chamaram para irem embora.

## MENINA BONITA DO LAÇO DE FITA



Figura 18: Capa Menina bonita

Fonte: Disponível em: <http://www.atividadesparacolorir.com.br/2011/09/menina-bonita-do-laco-de-fita.html>. Acesso em 01 dez 2013.

A tarde estava apenas começando e as crianças estavam chegando animadas para mais um início de semana na escola. Todas as crianças estavam presentes, inclusive Guilherme e Rafael. Quando todas estavam presentes, sentamos em círculo para que pudéssemos contar as novidades do fim de semana. Algumas crianças tomaram a iniciativa de compartilhar com os colegas suas experiências.

*“Eu fui para o parque com minha mãe, meu pai, e minha irmã”*, disse uma criança.

*“Eu fui para a casa da minha avó!”*

*“Eu fui para a piscina!”*

*“Eu brinquei com meus primos!”*

Assim uma após a outra foi contando como aproveitaram o final de semana.

Depois que todas as crianças contaram suas novidades, começamos a cantar as músicas da hora da rodinha e fazer a oração como de costume. Em seguida, a professora perguntou quem queria contar a história do livro que levou para casa no final de semana e todas elas começaram a falar ao mesmo tempo de seus livros. Para que não virasse bagunça a professora começou a pedir que uma criança por



vez contasse a sua história. As crianças preocuparam-se em contar os detalhes de suas histórias recordando cada personagem, fatos curiosos, e ventos marcantes do enredo. Quando as crianças terminaram seus relatos, aproveitando que todos já estavam mergulhados no mundo da fantasia, iniciei a atividade de contação de história. Tratava-se de uma história que exigiu de mim produção de materiais que constituíssem a contação. A professora regente logo anunciou:

*“Turminha! Continuem na rodinha porque a tia Jéssica preparou uma surpresa para vocês!”.*

Peguei minha caixa surpresa e me sentei na roda junto com as crianças, perguntando:

*“O que será que tem dentro dessa caixa?”*

E as crianças em um grande tumulto começaram:

*“Um jacaré!”*

*“Uma bola!”*

*“Balinha!”*

*“Pão”.*



Figura 19: Caixa mágica  
Fonte: Fotografado em 01/12/2013

Todos começaram a falar juntos, tentando adivinhar o segredo que estava guardado no interior daquele objeto. Com expressão de surpresa e de espanto eu olhava apenas na brechinha da caixa tentando descobrir junto com eles o que teria ali dentro. Após muitas sugestões, comecei a contar:

*“Turminha essa é uma caixa mágica, e hoje de dentro dessa caixa vai sair uma história bem legal pra vocês, querem ver?”*

A resposta foi instantânea antes mesmo que eu terminasse a frase *“SIMMMM!”*.

*“Vou contar a história da menina bonita do laço de fita”.*

Tirei uma boneca emborrachada, de dentro da caixa, que havia confeccionado.

*“Era uma vez uma menina linda, linda. Seus olhos eram bem pretos e brilhantes, seus cabelos eram bem enroladinhos, cheios de cachinhos iguais aos meus. Quem mais aqui na sala tem o cabelo com cachinhos?”.*



Figura 20: Menina bonita do laço de fita  
Fonte: Fotografado em 01/12/2013

As crianças começaram a falar e apontar os nomes de quem teria o cabelo cacheado. Então continuei:

*“Isso mesmo turminha! E a pele da menina também era bem pretinha igual a uma pantera negra. E, ainda por cima, a mãe dela gostava de fazer trancinhas no seu cabelo e enfeitar com laços de fita colorida. Ela ficava parecendo uma princesa do reino do luar. Perto da casa da menina morava... Quem adivinha quem morava perto da menina?”*

E as crianças entusiasmadas responderam:

*“Um caçador!”*

*“O lobisomem!”*

*“A vovozinha!”*

*“Um jacaré!”.*

Para ajudar as crianças resolvi dar uma dica

*“É um animalzinho pequeno, de orelhas bem grandes, olhos vermelhos e gosta de cenoura”*

Como num coral todos responderam:

*“Um coelho”.*

E tirando um coelho branquinho da caixa também emborrachado, respondi:

*“Muito bem! Um coelho! E esse coelhinho achava a menina, a pessoa mais linda que ele já tinha visto na vida e pensava: ‘Quando eu casar quero ter uma filha pretinha e linda que nem ela’. Por isso um dia o coelho resolveu ir na casa da menina e perguntou: ‘Menina bonita do laço de fita, qual o teu segredo para ser tão pretinha?’*



Figura 21: Coelho  
Fonte: Fotografado em 01/12/2013

*A menina não sabia, mas inventou: ‘Ah, deve ser porque eu caí na tinta preta quando era pequeninha’. O coelho saiu correndo dali e... o que será que ele vai fazer turminha?”.*



Figura 22: Pote de tinta  
Fonte: Fotografado em 01/12/2013

As crianças começaram a pensar no que o coelho iria fazer e começaram a dizer:

*“Ele vai pegar um balde de tinta!”, “Eu não sei!”, “Ele vai se pintar todo!”.* Fazendo ar de mistério respondi:

*“Será?” e tirando um pote de tinta preta da caixa continuei:*

*“O coelho pegou um pote de tinta preta e tomou um banho de tinta, e saiu todo feliz que estava pretinho, mas aí veio a chuva e... tadinho do coelho... a tinta saiu todinha com a água, e o coelho ficou branco outra vez. Tadinho desse coelho, não consegue ficar pretinho. Então o coelho voltou na casa da menina e perguntou de novo:*



Figura 23: Coelho de tinta  
Fonte: Fotografado em 01/12/2013

*‘Menina bonita do laço de fita, qual o teu segredo para ser tão pretinha’. A menina não sabia, mas inventou: ‘Ah, deve ser porque eu tomei muito café quando era pequena’”.*

E tirando uma xícara de café da caixa continuei:

*“O coelho saiu dali correndo e tomou tanto café, mais tanto café, que ficou sem sono e passou a noite fazendo xixi e nada de ficar preto. E, novamente, foi lá na casa da menina e perguntou:*

*‘Menina bonita do laço de fita, qual o teu segredo para ser tão pretinha?’. A menina não sabia, mas inventou... O que será que ela vai inventar dessa vez?’.*



Figura 24: Xícara de café  
Fonte: Fotografado em 01/12/2013

Todas as crianças ficaram em silêncio, nenhuma delas quis dar palpite, estavam apenas atentas e observando, curiosas para saber o que o coelho faria dessa vez. Guilherme e Rafael estavam escutando a história atentamente, e assim como as outras crianças, não tiravam os olhos da caixa para ver o que sairia de lá dessa vez. Tirei de dentro da caixa, uma pequena jabuticabeira feita de papelão e de material emborrachado e indaguei:

*“Alguém sabe o que é isso?”*

As crianças responderam:

*“Uma árvore!”*

*“E qual a fruta dessa árvore?”* perguntei, e uma das crianças respondeu:

*“Uva!”*



Figura 25: Jabuticabeira  
Fonte: Fotografado em 01/12/2013

Expliquei brevemente que aquela fruta era uma jabuticaba, que era uma bolinha pretinha que era branca por dentro e muito gostosa. Algumas crianças disseram:

*“Eu já comi!”* outras completaram:

*“Eu não gosto tia!”.*

Dando sequencia a história, mostrei a jabuticabeira e disse:

*“E então a menina falou: ‘Deve ser porque quando era pequena comi muita jabuticaba’, o coelho saiu dali correndo e comeu tanta jabuticaba que ficou com uma barriga bem grandona. Ele nem conseguia sair do luga, e fez muito cocozinho preto e redondinho igual à jabuticaba, mas não ficou pretinho”.*

A gargalhada das crianças foi instantânea, elas se divertiram muito com coelho e ficaram repetindo:

*“Ele fez cocozinho kkkkkkkk”.*

As crianças ficaram durante um tempinho dando gargalhadas, umas falando para as outras, e em seguida prossegui a história dizendo:

*“E lá se foi de novo o coelho perguntar para a menina: ‘Menina bonita do laço de fita, qual o teu segredo para ser assim tão pretinha?’. A menina não sabia e já ia inventando outra coisa, uma história de feijoada, quando a mãe dela, que era uma mulata linda e risonha, resolveu se meter e disse: ‘Artes de uma vó preta que ela tinha’. Aí o coelho viu que a mãe da menina estava falando a verdade, porque a gente se parece muito com os nossos pais, avós, tios, e outros familiares. Foi aí que o coelho percebeu que se ele quisesse ter uma filha pretinha ele precisaria se casar com uma coelhinha pretinha. O coelho não precisou procurar muito, pois logo encontrou uma coelhinha pretinha linda. Seu pelo era escuro como a noite.*

*Assim os dois foram namorando, se casaram e tiveram um monte de filhotinhos de todas as cores: branco, preto com manchinhas brancas, branco com manchinhas pretas, até uma coelha bem pretinha que era afilhada da menina bonita do laço de fita”.*

E tirando uma coelhinha da caixa continuei:

*“Quando a coelhinha saía de laço colorido no pescoço, alguém sempre perguntava: ‘Coelha bonita do laço de fita, qual o teu segredo para ser assim tão pretinha?’ e ela sempre respondia: ‘Conselhos da mãe da minha madrinha’. E essa é a história da menina bonita do laço de fita.*



Figura 26: Coelhinha do laço de fita  
Fonte: Fotografado em 01/12/2013

Quando a história terminou, todas as crianças aplaudiram e me pediram para olhar a caixa e brincar com os personagens.



Figura 27: Materiais contação  
Fonte: Fotografado em 01/12/2013

# LINO

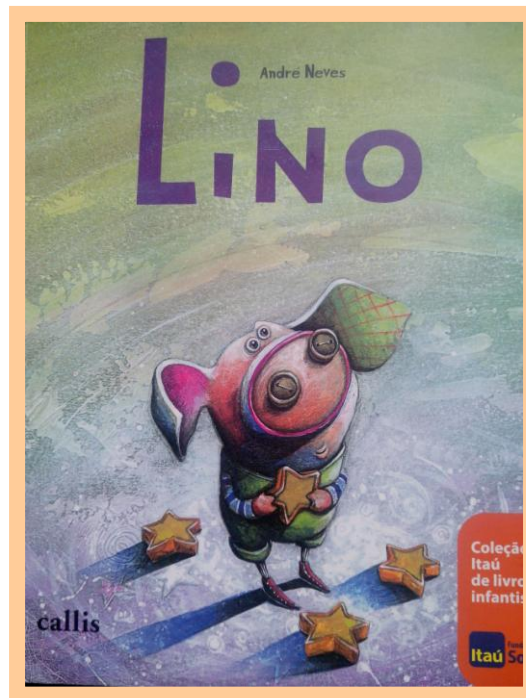


Figura 28: Capa Lino  
Fonte: Fotografado em 01/12/2013

Mais uma vez estava quase no horário dos pais chegarem, faltavam alguns minutos. Para que as crianças não ficassem com tempo ocioso a professora pediu que eu contasse uma história. Como sempre estava prevenida, tirei um livro de minha mochila. Pedi às crianças que se sentassem em rodinha, pois eu iria contar uma história. Quando elas viram o livro em minhas mãos todas, sem exceção, se sentaram em círculo esperando que eu começasse logo a contar. Quando mostrei a capa para as crianças, uma delas gritou:

- *Eu tenho esse livro tia!*

- *Você pode me ajudar a contar a história?*

A criança gostou da ideia e, assim, pedi que ela se sentasse ao meu lado para me ajudar. Comecei mostrando a imagem da capa e lhe pedi que me ajudasse a falar o nome da história para todos:

“Esse é Lino” ela começou.

Abri a primeira página do livro que tinha a ilustração de vários brinquedos e, um em especial, o Lino. Ele é um porquinho que estava separado dos demais, sentado no que parecia ser uma estante, com o olhar triste. Perguntei às crianças:

“Olha só turminha, que tanto de brinquedos! Que legal, mas... espera aí! Olha só tem um brinquedo sozinho, por que será?”

Elas começaram a falar:

“Ele tá triste tia!”

“Ele vai pular lá de cima!”

“É porque ele não quer brincar!”

A criança que já conhecia a história falou para seus amigos:

“Não gente, é porque a amiga dele fugiu!”

“Será?” respondi, e comecei a ler a história:

“Naquela manhã, Lino acordou triste. Lua havia desaparecido da loja de brinquedos. Tadinho turminha a amiga dele sumiu! E agora?”.

As crianças demonstraram grande preocupação por meio de suas expressões, e mostrando a segunda imagem continuei lendo:

“Lua era uma coelhinha branca, com uma luz que acendia na barriga toda vez que ela dava risadas. Nooossa! Olha a amiga de Lino, como ela é linda!”

Algumas crianças completaram:

“Que fofinha!”

“Olha a barriguinha dela acendendo!”



Figura 29: Estante de brinquedo  
Fonte: Fotografado em 01/12/2013

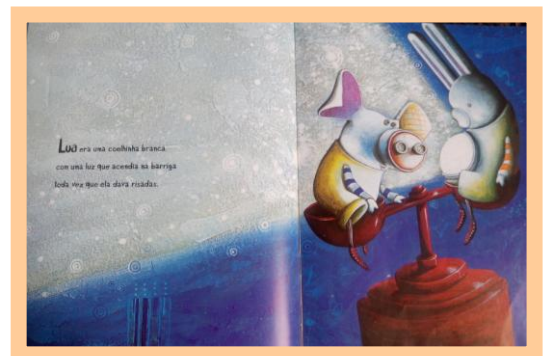


Figura 30: Lua acesa  
Fonte: Fotografado em 01/12/2013



Antes de virar a página comentei:

*“Onde será que a Lua está? Alguém sabe?”*

Alguns responderam:

*“Não sei!”*

*“Eu acho que ela se escondeu!”*

*“Acho que ela saiu correndo”*

Complementei:

*“Lua gostava de apostar corrida. Lua inventava músicas legais. Lua contava lindas histórias antes de dormir.*

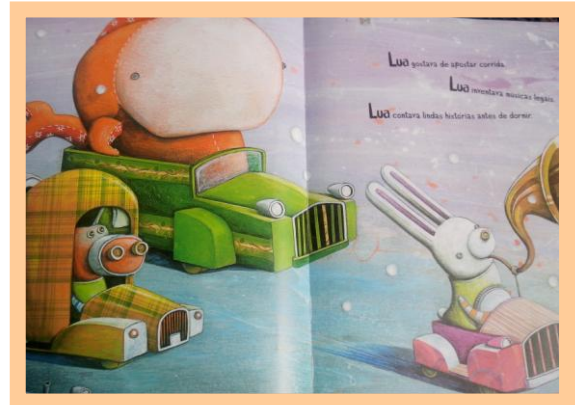


Figura 31: Apostando corrida  
Fonte: Fotografado em 01/12/2013



Figura 32: Brinquedos  
Fonte: Fotografado em 01/12/2013

*Lino e Lua sempre estiveram juntos, desde que vieram da fábrica de brinquedos. Mas agora Lua havia sumido. Turminha o que vamos fazer? Onde será que a Lua está? Lino está muito triste, coitadinho!”*

As crianças estavam com os olhares fixos e arregalados no livro, pareciam preocupadas com o brinquedo desaparecido.

*“Lino perguntou por ela a todos os seus amigos. ‘Aqui onde moramos é assim’, disse um deles, ‘de repente alguém desaparece’. Turminha vamos ajudar a procurar o Lino? Será que ele está aqui na sala?”*

Antes mesmo que eu pudesse terminar a frase algumas crianças já se levantaram para ir procurar, então eu falei:

*“Vamos ajudar a procurar?”*

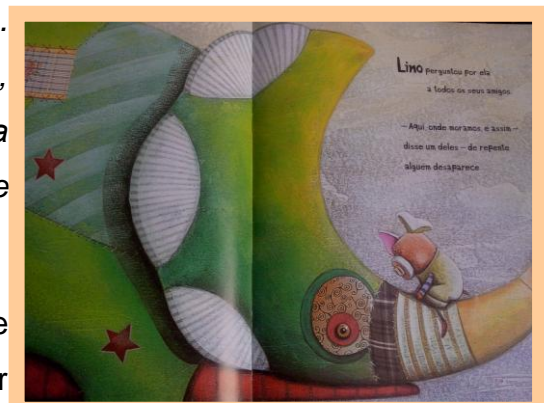


Figura 33: Lino perguntando aos outros brinquedos sobre Lua.  
Fonte: Fotografado em 01/12/2013

Todas as crianças se direcionaram para a estante de brinquedos. Os meninos procuraram no meio dos carrinhos e as meninas nas bonecas. Guilherme e Rafael acompanharam as outras crianças e ficaram mexendo nos brinquedos. Continuei sentada na roda e por fim anunciei:

*“Alguém encontrou?”*

Todos responderam que não. Então, chamei-os para retornarem à roda e para que descobrissem o que iria acontecer.

*“O tempo passou e os dias não pareciam ter fim”*

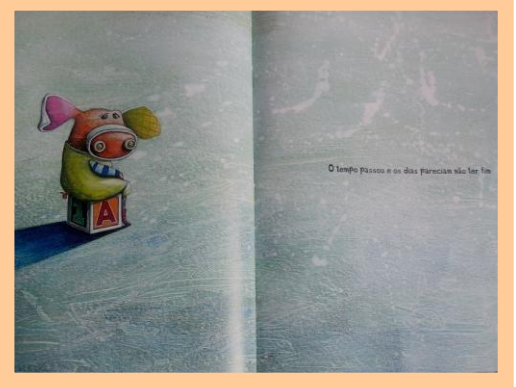


Figura 34: Lino triste  
Fonte: Fotografado em 01/12/2013

Apontei para a ilustração que mostrava Lino muito triste.



Figura 35: Lino dentro da caixa  
Fonte: Fotografado em 01/12/2013

*“Até que num piscar de olhos, Lino foi colocado numa caixa. Ele pensou que iria desaparecer para sempre. Mas... Eita!! O que será que vai acontecer?”*

*“Ele vai encontrar outra amiga!”* disse a criança que já conhecia a história.

Virando a página continuei:

*“Quando a caixa abriu, Lino encontrou uma menina que chamava Estrela. Lino não sabia explicar, mas achou aquele nome encantador. Que legal turminha, acho que o Lino encontrou uma nova amiga!”*

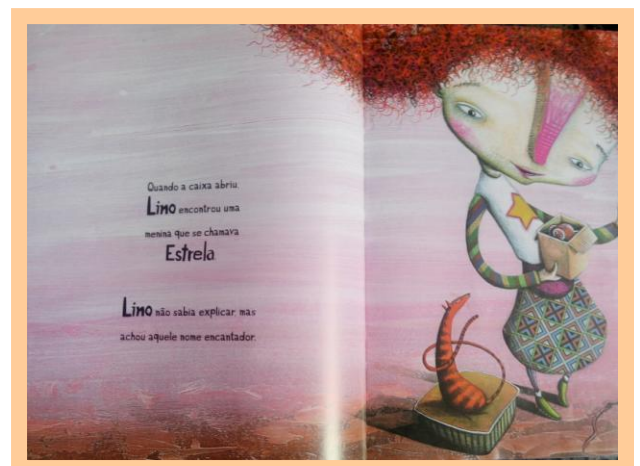


Figura 36: Lino encontra Estrela  
Fonte: Fotografado em 01/12/2013

“Olha tia o cabelo dela é vermelho!” disse uma das crianças se referindo à nova personagem da história que tinha os cabelos encaracolados e vermelhos.

“Estrela brincou com Lino. Os dois rodopiaram de mãos dadas até ficarem tontos de se deixar cair no chão de tanto rir.

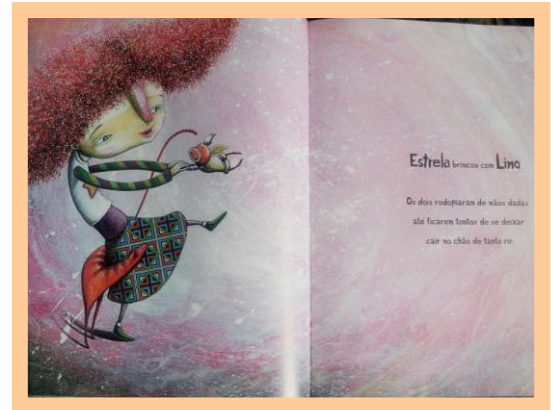


Figura 37: Lino e Estrela brincando  
Fonte: Fotografado em 01/12/2013



Figura 38: Lino e Estrela deitados  
Fonte: Fotografado em 01/12/2013

Lino aos poucos se acostumou com aquele jeito divertido de Estrela ser.

Uma noite, entre tantas rodas e rodopios, voltas e reviravoltas, a menina decidiu fazer uma surpresa para seu melhor amigo. O que será que a Estrela vai fazer?”

As crianças mal piscavam, os olhos estavam atentos ao livro, esperando que eu virasse a próxima página.

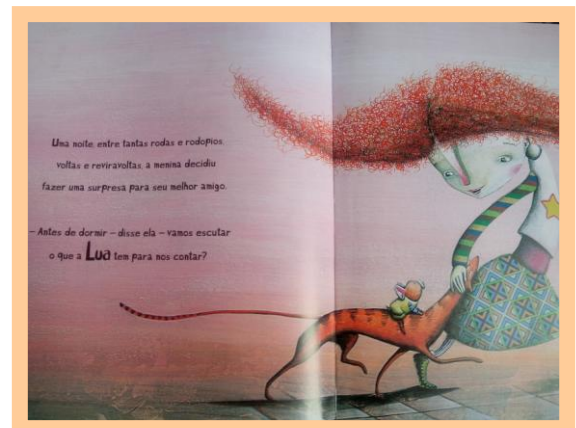


Figura 39: Lino e Estrela voltando para casa  
Fonte: Fotografado em 01/12/2013

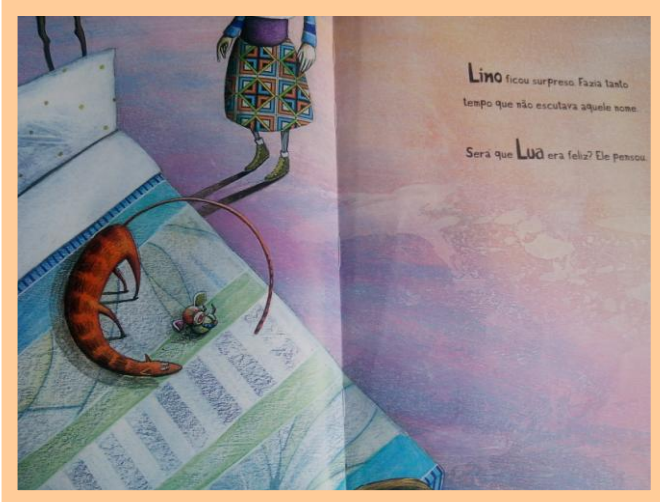
“O Lino vai encontrar a Lua!” disse a criança que já conhecia a história.

“Será?”

E virando a página continuei:

*“Então Estrela disse: ‘ Antes de dormir vamos escutar o que a Lua tem para nos contar?’ Será que é a Lua amiga do Lino turminha?”.*

As crianças estavam ansiosas para que Lino reencontrasse sua amiga, e começaram a comemorar antes mesmo que eu terminasse a história:



*“Eeeee ele encontrou a amiga dele”.*

E assim, continuei a história:

*“Lino ficou surpreso. Fazia tanto tempo que não escutava aquele nome. Será que Lua era feliz? Ele pensou.”*

Figura 40: Lino ansioso  
Fonte: Fotografado em 01/12/2013

*Estrela apagou a luz do quarto e abriu a janela. Lino quase não acreditou no tamanho da sua felicidade. Lua estava ali com a barriga brilhando no meio daquela escuridão.*



Figura 41: Lino esperando ver Lua  
Fonte: Fotografado em 01/12/2013

*Lino não escutava as risadas de Lua, mas tinha certeza de que ela também era feliz.*

*Porque todas as noites enquanto Estrela sonhava, Lino via pela janela Lua iluminada.*



Figura 42: Lino sentado na cama  
Fonte: Fotografado em 01/12/2013

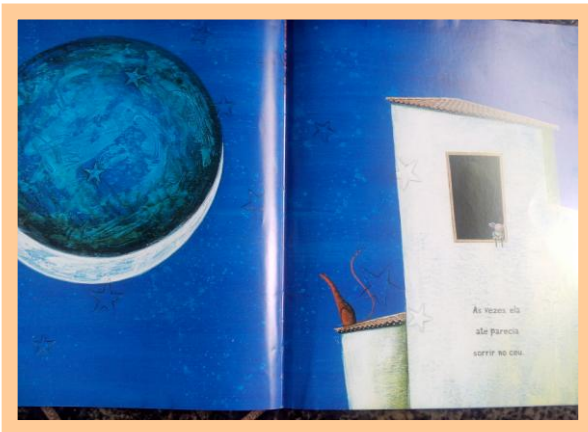


Figura 43: Lua sorrindo  
Fonte: Fotografado em 01/12/2013

*Às vezes ela até parecia sorrir no céu. Fim!”*

As crianças logo aplaudiram e demonstraram grande entusiasmo com a história. Vendo as imagens elas perceberam que a Lua à qual Estrela se referia era a Lua do céu, e não a amiga de Lino. O final fez com que cada criança tirasse sua própria conclusão:

*“A coelhinha Lua, virou a lua de verdade”* disse uma delas.

*“Não, o Lino se confundiu, pensando que era a Lua amiga dele, mas era a lua de verdade, aquela do céu”,* concluiu outra criança.

As crianças pediram para que eu contasse novamente aquela história, mas os pais já estavam a espera de seus filhos, e eu disse que contaria de novo em outra oportunidade. Parece que foi combinado, acabou dando certinho o tempo da história, sem precisar interromper. As crianças ficaram em dúvida quanto ai final da

história, e acabaram debatendo entre elas o que teria acontecido com Lua. E a dúvida pairou no ar.

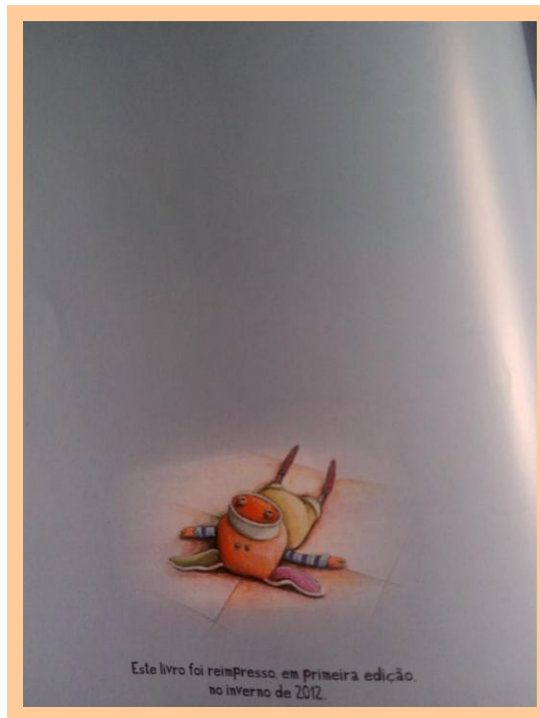


Figura 44: Lino deitado  
Fonte: Fotografado em 01/12/2013

## MACAQUINHO SAI DAÍ

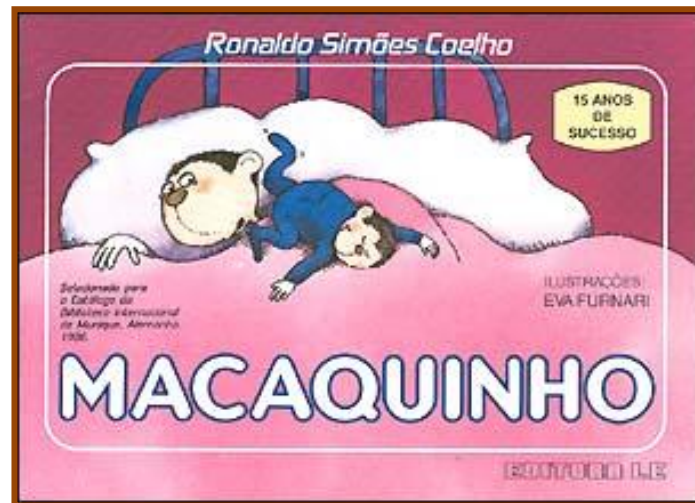


Figura 45: Capa Macaquinho

Fonte: Disponível em: <http://aprenderebrincarnaei.blogspot.com.br/2011/01/historia-macaquinho.html>. Acesso em 01 dez 2013.

Depois da aula de educação física, as crianças retornaram para sala juntamente comigo e com o professor. A orientadora educacional da escola veio avisar-me que a professora regente iria demorar um pouco para retornar à sala, pois estava em reunião com os pais. Sendo assim, tomei a iniciativa de propor às crianças alguma atividade.

Para esse dia não tinha livro algum em minha mochila e não me vinha em mente nenhuma história que eu pudesse contar. Resolvi pedir a elas que sentassem em rodinha como de costume para conversarmos e fazermos a nossa acolhida de rotina. Cabe esclarecer que no dia da aula de educação física, as crianças vão ao encontro do professor na área esportiva. É o primeiro momento antes das crianças irem para a sala de aula.

Conversamos um pouco sobre as novidades, mas a professora ainda não havia retornado. Então uma criança perguntou:

*-Cadê a outra tia?*

Eu esclareci à turma que a professora estava conversando com alguns pais. Uma criança indagou-me:

-*Conta uma história tia?*

Outras crianças concordaram e começaram a falar:

-*Por favor! Só uma!*

- *Conta aquela do ratinho!*

Recordei-me de uma história que havia escutado da educadora musical Bía Bedran, que mais tarde descobri que era uma história de Ronaldo Simões que foi “recantada” por ela, chamada *Macaquinho sai daí* (do título original *Macaquinho*). Olhando para a estante de brinquedos da sala, percebi um macaquinho de pelúcia, e improvisei a narrativa:

- *“Vou contar a história de um macaquinho muito danadinho!”*

As crianças ficaram entusiasmadas, expressando sua emoção com um grito em conjunto:

- *EEEEEBAAA!!!!!!!!*

Peguei o macaco de pelúcia da estante, sentei-me junto a elas e comecei...

*“Era uma vez, um macaquinho muito danadinho que morava em uma casa na floresta com seu papai. Todo dia o papai macaco levantava cedo para ir trabalhar e só chegava a noite. Quando ele chegava, o macaquinho danadinho estava na cama do pai mexendo e remexendo, pulando, dando chute, virava de um lado para o outro e não deixava o papai macaco dormir. Então, o papai macaco cantava para ele:*

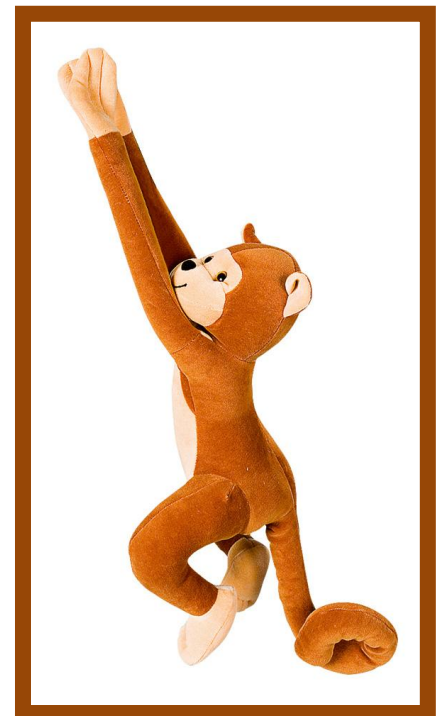


Figura 46: Macaquinho pelúcia

Fonte: Disponível em:

[http://anjosbaby.com.br/produtos\\_toys\\_bichinhos.php?pageNum\\_rs\\_produtos\\_toys\\_bichinhos=3&totalRows\\_rs\\_produtos\\_toys\\_bichinhos=96](http://anjosbaby.com.br/produtos_toys_bichinhos.php?pageNum_rs_produtos_toys_bichinhos=3&totalRows_rs_produtos_toys_bichinhos=96). Acesso em 01 dez 2013



***‘Macaquinho sai daí, macaquinho sai daí. Você tem sua cama pra se deitar. Macaquinho sai daí, macaquinho sai daí. Você tem sua cama pra se deitar. Papai quer dormir, porque você não volta pra lá, porque você não volta pra lá.’***”

Depois que terminei de cantar a pequena música, as crianças deram muitas gargalhadas. Cantei a música e inventei alguns gestos para que as crianças me acompanhassem e então pedi:

*“Vamos cantar a música de novo para o macaquinho escutar e sair da cama do papai dele?”*

*“SIIMMMMM!”* as crianças responderam todas juntas como em um coral.

Rafael e Guilherme estavam em círculo juntamente com as outras crianças, inclusive fazendo os gestos. Rafael olhava interessado e acompanhava os movimentos. Guilherme dava muitas risadas fazendo todos os gestos e tentando cantar junto com as crianças.

Depois de cantarmos mais uma vez a música, continuei:

*“Depois que o papai macaco cantou a música para o macaquinho sair da cama dele o macaquinho falou: ‘Ahhh papai é porque agora estou sentindo muito friooooo.’ Então o papai macaco levou o macaquinho para a cama dele e cobriu- o com lençol e cobertor. No outro dia quando o papai macaco chegou do trabalho adivinha quem estava na cama dele de novo?”*

*“O macaquinhoooooo!!!!”* as crianças responderam.

*“O macaquinho ficava mexendo e remexendo, pulando, dando chute, virava de um lado para o outro e não deixava o papai macaco dormir. O papai macaco de novo cantou para o macaquinho: **‘Macaquinho sai daí, macaquinho sai daí. Você tem sua cama pra se deitar. Macaquinho sai daí, macaquinho sai daí. Você tem sua cama pra se deitar. Papai quer dormir, porque você não volta pra lá, porque você não volta pra lá.’** Então o macaquinho inventou outra desculpa, o que será que ele vai falar dessa vez?”*

Sempre que o macaquinho falava alguma coisa na história, eu movimentava o macaco de pelúcia que estava em minhas mãos e fazia uma voz mais aguda como

se o macaco estivesse falando. As crianças juntamente comigo cantavam a música como se fossem o papai macaco falando para o filhote.

Elas não quiseram falar qual era a desculpa do macaquinho. Ficaram apenas observando ansiosos para descobrir o que elealaria dessa vez:

*“O macaquinho passando a mão na barriguinha dele disse: ‘Ahhh papai é porque estou com muita fome. ’O papai macaco deu a mamadeira para o macaquinho, e ele foi para a sua cama dormir. No dia seguinte quando o papai macaco chegou do trabalho de novo o macaquinho estava na cama do papai dele. Que macaquinho bagunceiro turminha!”*

As crianças caíram na gargalhada.

*“O macaquinho ficava mexendo e remexendo, pulando, dando chute, virava de um lado para o outro e não deixava o papai macaco dormir. Assim o papai macaco teve que cantar mais uma vez: **‘Macaquinho sai daí, macaquinho sai daí. Você tem sua cama pra se deitar. Macaquinho sai daí, macaquinho sai daí. Você tem sua cama pra se deitar. Papai quer dormir, porque você não volta pra lá, porque você não volta pra lá.’** Por que será que esse macaquinho não quer dormir na cama dele?*

*“É porque ele tem medo do escuro tia! ”* disse uma das crianças.

*“Será?? O que será que o macaquinho vai falar dessa vez?”*

E dando continuidade à história prossegui:

*“Ahhhhh papai, é porque estou com vontade de fazer xixi. O papai macaco levou o macaquinho para fazer xixi e depois ele foi para a sua cama. Todas as noites era a mesma coisa, o macaquinho ia para a cama do seu pai e sempre inventava uma nova desculpa. E o papai macaco toda a noite tinha que cantar para ele: **‘Macaquinho sai daí, macaquinho sai daí. Você tem sua cama pra se deitar. Macaquinho sai daí, macaquinho sai daí. Você tem sua cama pra se deitar. Papai quer dormir, porque você não volta pra lá, porque você não volta pra lá.’** Até que um dia o macaquinho resolveu falar a verdade ‘Paieeee, sabe porque eu vou para a sua cama todas as noites? É porque eu sinto saudades.’ O papai macaco entendeu tudo, abraçou seu filhote e começou a chegar mais cedo do trabalho e*

*ficar mais tempo com o macaquinho, brincando, contando história e conversando. E ele nunca mais precisou cantar: ‘Macaquinho sai daí, macaquinho sai daí. Você tem sua cama pra se deitar. Macaquinho sai daí, macaquinho sai daí. Você tem sua cama pra se deitar. Papai quer dormir, porque você não volta pra lá, porque você não volta pra lá.’ Fim!!!!*

“EEEEEEEE” as crianças gritaram em seguida, e continuaram a cantar a música durante toda à tarde, às vezes, até pediam para que eu cantasse novamente.

### **Análise das contações de histórias**

Basta dizer as palavras mágicas “Quem quer ouvir uma história?!” que a alegria é certa. Antes mesmo de descobrirem qual será a narrativa da vez, as crianças já demonstram ansiedade e empolgação somente escutando o chamado para a contação. Há sempre uma surpresa em notar a reação das crianças ao ouvir uma história. O que parece para nós adultos como algo simples, para a criança pode se tornar uma incrível aventura, um mundo mágico de descobertas.

O livro “O ratinho, o morango vermelho maduro e o grande urso esfomeado” apresenta uma história muito interativa, uma conversa entre narrador e personagem principal, em que ambos buscam uma solução para o assunto em questão. O fato de a história ser interativa facilita uma contação de maneira dialogada com as crianças, em que é possível ter a maior participação delas em todo o enredo da narrativa.

Quando a criança participa de todo aquele cenário da contação, pensa junto com os personagens, recorda-se da sua realidade em relação à fantasia, e procura meios de solucionar os conflitos apresentados pela narrativa, ela e a história tornam-se uma coisa só, como se aquele momento estivesse acontecendo, ela vivencia tudo aquilo de maneira real. Como diz Vigotski,

[...] qualquer construção de fantasia influi inversamente sobre nossos sentimentos e, a despeito de essa construção por si só não corresponder à realidade, todo sentimento que provoca é verdadeiro, realmente vivenciado pela pessoa, e dela se apossa (VYGOTSKI, 2009, p.28)

As crianças se expressam de maneira autêntica durante as contações, tudo o que elas demonstram é real, não há disfarces ou camuflagem de sentimentos. Na história do ratinho, ocorreram muitos momentos em que as crianças demonstraram grande preocupação, o que pude perceber em seus olhares. Outro sentimento provocado pela história nas crianças foi o medo do urso que se fez presente quando o mesmo pareceu se aproximar do ratinho, no instante em que foi possível escutar seus passos. Além do medo e da preocupação as crianças também expressaram um grande alívio ao final da história, ao saber que haviam conseguido solucionar o problema. Vygotski (1996) afirma que isso acontece porque a criança antes dos sete anos se comporta de maneira espontânea e ingênua, ou seja, a ingenuidade interna se manifesta na espontaneidade externa. Além disso, as construções fantásticas presentes nas páginas de um livro provocam emoções que são completamente reais e vividas por elas de maneira franca e verdadeira (VIGOTSKI, 2009).

É muito perceptível nos momentos de contação de história situações em que as crianças manifestam em suas falas, em seus gestos, e expressões o quanto estão mergulhadas naquela fantasia. Quando alguns pais chegavam apressados e não queriam esperar o final da história, muitas crianças saíam reclamando, algumas chegavam, até mesmo, a chorar. Esse fato delas não quererem se desprender daquele momento mágico, revela o quanto estavam envolvidas na contação de histórias.

Quando contamos história para uma ou mais crianças estamos dando a oportunidade delas conhecerem um mundo mágico que os livros reservam, por meio da oralidade. A entonação da voz nas fala dos personagens proporciona às crianças que sintam e vejam acontecer todo o cenário, como se tudo estivesse acontecendo ali a sua frente. Segundo Tahan (1966) o narrador deve demonstrar certo entusiasmo e alegria ao contar uma história. Emocionar-se com os próprios episódios por ele narrados. Dar a narrativa uma impressão de realidade.

Ao adotar uma voz mais grave e forte para caracterizar o urso na história, leva-se a criança a imaginar esse personagem como grande e malvado. Ainda que no livro não apareça imagem alguma do “grande urso esfomeado”, o modo como apresentei esse personagem por meio da oralidade leva as crianças a imaginarem um ser aterrorizante, pois a fala tem um poder determinante de orientar a fantasia das crianças. Além disso, é por intermédio da fala que as crianças sentem o personagem presente, vivo. Se ao invés de adotar uma voz grave e forte para o

urso, optasse por uma voz aguda e fraquinha, poderia levar as crianças a não sentir medo dele, muito pelo contrário, talvez caíssem na gargalhada e teriam pena do pobre urso faminto.

Todas as histórias já trazem consigo um mundo mágico encantado, porém o uso de recursos contribui para que a história seja ainda mais fascinante para as crianças. Na história “Menina bonita do laço de fita” a ideia de levar uma caixa mágica como um recurso de contação estimula a curiosidade e a imaginação das crianças ao tentarem descobrir o que contêm dentro daquele objeto misterioso.

Quando se trata do uso de recursos nas histórias, as opiniões são diversas. Alguns autores acreditam que o livro por si só basta para que a magia aconteça, não se fazendo necessário nenhum uso de materiais auxiliares ou de técnicas de contação de histórias. Esses autores acreditam que apenas uma boa leitura do livro é suficiente. Outros autores em contrapartida acreditam que o uso de recursos na contação de histórias contribui com o cenário, fazendo com que a história seja transmitida da melhor forma possível. Porém, é importante salientar que a utilização de materiais auxiliares para as histórias não garante uma boa contação, ou seja, tudo deve ser bem preparado, o contador deve saber utilizar seus instrumentos, pois de que vale ter grande materiais se não há uma boa história? Além disso, os recursos devem estar relacionados com a história e em profunda sintonia com toda a narrativa.

Existem vários tipos de técnicas e recursos para contação de histórias, como:

- Avental de contar histórias;
- História por ilustrações (cartolina, capas de livros, cadernos, etc);
- Histórias em desenhos (desenhar na medida em que a história vai se desenrolando);
- Histórias com fantoches, ou dedoches;
- Histórias musicadas;
- Histórias coletivas;
- Caixa contadora de histórias;

- Dramatização pelas crianças, entre outros.

São inúmeras as possibilidades de contação de histórias utilizando técnicas diferenciadas e recursos diversos, tudo depende da criatividade do contador em inovar e combinar novas alternativas.

A história da “Menina bonita do laço de fita” foi contada em uma ocasião especial reservada para a contação de histórias. Não haveria contagem de tempo, preocupação com os pais, pressa em terminar, entre outras coisas, este era verdadeiramente um momento de contação de histórias e não apenas um recurso para preencher horas vagas das crianças. Como já apresentado na descrição da história, foram utilizados alguns recursos como uma “caixa mágica”, personagens feitos em material emborrachado e alguns objetos que faziam parte do enredo.

Quando as crianças viram a caixa ficaram muito interessadas em descobrir o que teria dentro, ficando muito próximas para tentar olhar pelos cantos do objeto. Antes mesmo de saberem que na caixa tinha uma história, as crianças deram muitos palpites diferentes buscando solucionar o mistério da caixa mágica. O ato de imaginar iniciou-se antes mesmo da história, a preparação para o que seria ali realizado já conduziu as crianças à fantasia.

Do início ao fim, a história se apoiou em um constante diálogo entre contador e ouvintes, a utilização de recursos serviu apenas como um auxílio, para encantar as crianças e fazer com que a história tomasse um rumo diferente do que elas estavam acostumadas. Apesar disso, o foco principal ainda estava na participação das crianças na história.

Durante toda a narrativa, as crianças deram muitas gargalhadas com as atrapalhadas do coelho e ficaram encantadas com a menina. Apesar de não ter o livro, a história contada utilizando personagens levou o contador a se desprender mais do enredo da história e ir além do que está escrito, podendo alterar os rumos da história conforme os comentários das crianças.

No momento da contação de histórias, as crianças sempre se surpreendem com os novos cenários, os novos personagens, os novos conflitos, etc. Infelizmente é triste saber que um instante tão apreciado pelas crianças, não é tão valorizado como deveria. Na maioria das vezes a contação de histórias é utilizada como uma espécie de “tapa buraco”, ou seja, uma estratégia pedagógica de manter as crianças ocupadas sob controle. Não é atribuído à atividade de contação de história como

espaço de criação e de desenvolvimento da imaginação. Ela é compreendida, muitas vezes, como uma simples tarefa para que as crianças não fiquem ociosas.

Pude observar que os livros dispostos na sala de aula não podem ser tocados pelas crianças, apenas na hora em que é solicitado pela professora. Ao se dispersar de qualquer outra atividade que esteja fazendo, Guilherme corre para os livros com a intenção de folheá-los, porém é repreendido pela professora. Ela costuma dizer “*Feche o livro, agora não é hora de história*”. Esse tipo de comportamento adotado pela escola contribui paulatinamente para o desinteresse pela leitura por meio de livros. Como ressalta Carvalho (1987, p.21)

Tira-se do homem a capacidade de sonhar, o poder da imaginação criadora e contemplativa, e diga-nos o que resta nele, ou melhor, o que fica da criatura humana?! [...] Quem, como no mínimo de sensibilidade, não coloriu sua imaginação de sonhos e esperanças. Sonhar é preencher vazios, é criar condições terapêuticas para os impactos da realidade, é libertar-se, enfim!

Essa atitude da professora está em contradição com o projeto adotado pela escola “Ciranda da Leitura”, que acontece às sextas feiras, em que as crianças podem escolher algum livro para levar para suas casas. É somente neste dia que as crianças podem desfrutar dos livros e das histórias reservadas para elas, é o instante em que elas tem a oportunidade de contato com livro, que, ainda assim, não é tão agradável como parece. Dado que algumas crianças são criteriosas para a escolha dos livros e acabam demorando em suas escolhas. Quando isso acontece a professora regente toma a iniciativa de eleger o livro que a criança irá levar.

Ao eleger o livro “Lino” como uma história a ser contada para as crianças não era imaginado que elas seriam tão seduzidas pelo personagem e pelo conflito no qual ele vivenciou no decorrer da narrativa. As crianças estavam tão imersas na história, que a relação com o personagem era íntima, estavam convivendo com ele como se fosse um amigo muito próximo. Elas estavam tão preocupadas e aflitas quando a amiga de Lino desapareceu que se podia observar em seus rostinhos uma profunda tristeza.

As ilustrações do livro contribuíram de maneira singular para que as crianças mergulhassem na história. São imagens de certa forma marcantes, em que, muitas vezes, mostravam o personagem com uma fisionomia abatida e desanimada, o que fez com que as crianças ficassem aflitas e se inquietassem com o sumiço da

coelhinha. Vygostski (2009) afirma que apesar de estarmos diante de situações irreais, de imaginação e fantasia os acontecimentos e os destinos dos personagens inventados nos inquietam e nos contagiam, pois, “todas as formas de imaginação criativa contêm em si elementos afetivos” (RIBOT *apud* VYGOSTKI, 2009. p. 28).

Cada criança vivenciou a história de uma maneira individual, pois mesmo que todas estivessem no mesmo ambiente social ouvindo a mesma história cada uma tem sua personalidade, que vive a situação de modo singular. Algumas crianças apesar de estarem envolvidas e participando ativamente da história não se comoveram muito com o sumiço da personagem, em outras, ao contrário, era possível ver claramente suas expressões de preocupação e inquietação. No momento em que foi proposto para que as crianças ajudassem a procurar Lua pela sala, todas elas se prontificaram a colaborar.

Durante toda a história as crianças ficaram muito entusiasmadas. Desde o início da narrativa elas estavam encantadas com o enredo, ao vislumbrarem a capa se encantaram com o protagonista, Lino. Quando Lino encontrou uma nova amiga todos se alegraram, e quando ele ouviu falar de Lua novamente, as crianças ficaram mais felizes ainda. O desfecho da história foi uma surpresa para todos. Cada criança tirou sua própria conclusão e isso foi um fato muito interessante, pois elas ficaram curiosas para saber quem estava certa. Uma criança comentava com a outra seu ponto de vista. Houve divergência de opiniões e debate de ideias e soluções, o que caracteriza o diálogo. Cada criança a seu modo tentava descobrir o que tinha acontecido com Lua. Elas retornaram à suas casas curiosas em saber o que tinha acontecido ao final da história.

Sempre que uma história é contada para as crianças do maternal, é por iniciativa da contadora. As crianças ficam bastante entusiasmadas, alegres e correspondem de maneira afirmativa a proposta de uma contação de histórias, dificilmente dizem não. Porém, há momentos em que elas solicitam à contadora, como no caso da história do macaquinho.

Há momentos em que foi preciso improvisar, como aconteceu na história do macaquinho, em que com um simples brinquedo de pelúcia foi possível fazer a história acontecer. Ainda que não houvesse um preparo inicial, e pela forma como as crianças estavam empolgadas, aquele momento pareceu ser umas das melhores histórias já contadas. Um macaquinho de pelúcia, unido a um pequeno refrão, e



alguns simples gestos, fizeram uma história divertida e dinâmica. Essa foi primeira experiência que as crianças do maternal tiveram com uma história musicada, elas estavam tão atraídas pela música, pelo enredo, pelo personagem, que demonstraram isso durante o decorrer da tarde, ficaram cantando e falando partes da história a todo o momento.

Na descrição das quatro contações de histórias, mencionei o nome de duas crianças instituídas como deficientes, Rafael e Guilherme, com vistas a ressaltar a participação, o envolvimento deles na atividade. A expectativa por parte da professora e da equipe pedagógica em relação a essas crianças é muito baixa.

Tanto Guilherme como Rafael mergulharam nas histórias e participaram atentamente como qualquer outra criança. Sob o olhar do diagnóstico tem-se a crença de que para essas crianças rotuladas bastariam estar matriculadas e frequentando o espaço escolar com vistas a sua suposta socialização. No entanto verifica-se que no momento de contação de história não há diferença entre as rotuladas e as demais crianças. A contação de histórias tem o mesmo impacto de fantasia e liberdade sobre todas elas. O desinteresse por tarefas escolares, muitas vezes, é o que faz com que as crianças não participem ativamente do processo escolar, expressando na maioria das vezes certo cansaço e chateação.

Quando a professora regente anuncia uma nova tarefa de conteúdo curricular a ser realizada, as crianças se dirigem aos seus lugares de maneira robotizada e apática. E quando há tarefas atrasadas, a professora avisa-os que terão uma tarde cheia de exercícios para serem cumpridos.

Em determinadas situações, as crianças demonstram interesse quando a proposta é de desenhos livres. Contudo, é livre desde que sigam o comando da professora. Por exemplo, após distribuir de 1 à 2 cores no máximo para cada criança de forma aleatória, a professora pede a elas que desenhem uma figura humana (menino ou menina) com todas as partes do corpo em um cenário com grama, sol, flores e nuvens. Desse modo, o desenho deixa de ser livre para cumprir os quesitos exigidos pela proposta pedagógica curricular da escola. A preocupação da escola é acumular tarefas para mostrar aos pais a suposta produção de seus filhos. Lamentavelmente é neste ambiente conteudista que a criança se encontra desde a educação infantil, não há liberdade nem mesmo em seus desenhos.

Certo dia, a professora regente estava distribuindo uma tarefa relacionada ao dia das mães, intitulada de “Minha mãe é...”. A princípio a criança deveria desenhar

sua mãe e dizer algum adjetivo que a caracterizasse para que assim a professora pudesse escrever ao lado seu desenho. Ao ser questionada pela professora sobre o que estava desenhando, a criança respondeu: *“Estou desenhando um navio!”*, a professora desapontada pelo fato dela não ter seguido o comando para a realização da tarefa respondeu *“Agora é hora de desenhar a mamãe, e não de fazer navio”*. Depois desse comentário a criança passou o lápis colorido por cima de todo o seu desenho como forma de esconder o que tinha feito de errado.

A pergunta a ser feita é o que está acontecendo na escola que até mesmo os desenhos das crianças na educação infantil são escolarizados. Infelizmente o que vemos nas escolas é que os professores são programados para programar os alunos e dessa forma ter o controle e definir por onde se caminha e aonde se quer chegar (TUNES, 2011).

É nesse cenário de regras e limites que a contação de histórias se encontra como uma ação fundamental para a criança, um espaço de liberdade onde levando-a a se apropriar do mundo que está a sua volta através da fantasia demonstrando a possibilidade de estar em outro lugar e sendo Outro, ao mesmo tempo em que se está diretamente conectada com a realidade. Efetivamente, observa-se que quando as atividades são atrativas e fazem sentido para as crianças, elas se envolvem e participam das atividades que lhe sejam atrativas e que façam sentido para suas vidas.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A contação de histórias é uma atividade que possibilita o desenvolvimento da imaginação, que é uma função importante para o desenvolvimento psíquico. A presente pesquisa possibilitou verificar o envolvimento das crianças na atividade de contação de histórias como um momento significativo de vivência e imaginação. Dessa forma, por meio da prática e, com o suporte teórico dos textos estudados, foi possível averiguar que esta atividade é um instante que seduz as crianças por possuir um caráter diferenciado das atividades escolares, pois é uma circunstância de muita liberdade, fantasia e imaginação.

Os estudos realizados nesta pesquisa revelaram que a contação de histórias é uma prática muito antiga, que permanece até os dias atuais. Sua relação está inteiramente ligada à história da literatura infantil, pois foi a partir dos contos de narração oral, recolhidos e registrados, que se deu início a uma literatura destinada às crianças. Para subsidiar a pesquisa, os estudos de Vigotski sobre imaginação e vivência foram indispensáveis, por ser um teórico de grande referência na discussão desses conceitos. Foi a partir da definição de imaginação e vivência utilizados por ele, que foi possível analisar o envolvimento das crianças na contação de histórias. Por meio da investigação foi possível confirmar a hipótese apresentada, de que as crianças se envolvem com a atividade de contação de histórias vivenciando cada situação de forma singular, como um momento de liberdade e pleno exercício da imaginação.

Em minha vivência em sala de aula pude perceber alguns aspectos que não foram contemplados neste trabalho, mas que gostaria de salientar para futuras reflexões. A contação de histórias no ambiente escolar é tratada apenas como um recurso didático, transformando-a simplesmente em uma tarefa curricular. Podemos nos perguntar: Em que isso contribui? O que a escola está fazendo com a leitura? Há certa descrença no que se refere à contação de história em acreditar que esta é uma atividade de menor importância. Além disso, outro fator importante a ser pensado é no que se refere às crianças em situação de inclusão no ambiente escolar. O fato de elas apresentarem um desenvolvimento diferenciado não significa ter uma visão de falta, uma visão pessimista, sobre essas crianças. Não era

intenção de este trabalho discutir sobre a inclusão, mas não posso deixar de citar o que pude observar em minha vivência em sala de aula. Na verdade foi possível verificar o quanto essas crianças apresentadas como incapazes participaram e se desenvolveram, pois é justamente na convivência e na colaboração com o outro, que isso acontece. Esse é o princípio maior que Vigotski aborda o coletivo cooperativo, como algo essencial para o desenvolvimento de qualquer criança. Dessa forma podemos nos perguntar “Que inclusão é essa?”.

Por fim, é possível afirmar que a contação de histórias se constitui de um momento essencial para toda criança, pois permite o desenvolvimento da imaginação e possibilita vivências particulares. E é nesse cenário que as crianças se envolvem de tal forma com a história que experimentam um momento de liberdade e fantasia. Isso acontece porque a mágica desse momento é constituída a partir de três elementos: a criança como um ser biológico e cultural, as condições oferecidas e a própria atividade de contar histórias que envolve vários modos artísticos.

## PERSPECTIVAS PROFISSIONAIS

O término do curso de graduação significa que uma etapa do meu percurso foi concluída, mas ainda há muito para se caminhar. Poder ter a oportunidade de estar formada por uma Universidade Federal tão bem conceituada, em um curso que escolhi fazer, já é parte de um sonho realizado.

Depois de formada, pretendo atuar na rede pública de ensino, não apenas pela estabilidade, mas também por querer fazer a diferença na vida das crianças que passarem por mim. Sei que uma difícil realidade me espera, mas acredito no poder da força de vontade e não pretendo desanimar, pois sei que lá fora existem pessoas que precisam de mim e que eu posso ajuda-las através da profissão que me foi confiada, e assim fazer a minha parte para a transformação da educação no Brasil.

No próximo ano pretendo concorrer para uma vaga no mestrado voltado para a educação inclusiva, pois é uma área que muito me intriga e encanta ao mesmo tempo, por isso tenho vontade de estudar mais afundo pesquisar sobre essa temática.

Hoje tenho a certeza de estar na profissão certa, não me vejo em outra área do conhecimento, acredito que é como Pedagoga que posso fazer a diferença, fazendo a minha parte na construção de um país melhor.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura infantil: gostosuras e bobices**. 4.ed. São Paulo: Scipione, 1994.
- BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB Lei nº 9394/96**.
- BUSATTO, Cléo. **A arte de contar histórias no século XXI: tradição e ciberespaço**. 3ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.
- CARVALHO, Bárbara Vasconcelos de. **A literatura infantil: visão histórica e crítica**. 5.ed. São Paulo : Global,1987.
- FONSECA, Adriana Beatriz da Silva. **"Era uma vez"... : a prática docente revisitada pela contação de histórias**. 2004. 102 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade de Uberaba. Minas Gerais, 2010. Disponível em: <<http://capesdw.capes.gov.br/capesdw/resumo.html?idtese=20042832036019001P4>>. Acesso em 20 de novembro de 2013
- GOÉS, Lúcia Pimentel. **Introdução à literatura infantil e juvenil**. São Paulo: Pioneira, 1984.
- MAGALHÃES, Ivani. “Era uma vez” Um breve histórico das histórias para crianças. *In A arte de contar histórias: Abordagens poéticas, literária e performática*. São Paulo: Ícone, 2010.
- PRESTES, Z. **Quando não é quase a mesma coisa: análise de traduções de Lev Semionovitch Vigotski no Brasil, repercussões no campo educacional**. 2010. Tese (Doutorado em Educação), Faculdade Educação, Universidade de Brasília, Brasília, 2010.
- RAAD, Ingrid Lilian Fuhr. **Atividades cotidianas e o pensamento conceitual**. 2013. Tese (Doutorado em Educação), Faculdade de Educação, Universidade de Brasília, Brasília, 2013.
- SANTOS, Robson. Ao pé do fogo... conversas sobre oralidade. *In A arte de contar histórias: Abordagens poéticas, literária e performática*. São Paulo: Ícone, 2010.
- SOUZA, Ana A. Arguelho de. **Literatura infantil na escola: a leitura em sala de aula**. Campinas: Autores Associados, 2010.
- TAHAN, Malba. **A Arte de ler e contar histórias**. Rio de Janeiro: Conquista, 1966.
- TIERNO, Giuliano (org). Pegadas reflexivas acerca da arte de contar histórias: a teia invisível. *In A arte de contar histórias: Abordagem poética, literária e performática*. São Paulo: Ícone, 2010.

TUNES, Elizabeth (org). **Sem escola, sem documento**. Rio de Janeiro: E-pappers, 2011.

VIGOTSKI, L. S. **Imaginação e criação na infância**: ensaio psicológico: livro para professores. Apresentação e comentários de A. L. Smolka. São Paulo: Ática, 2009.

\_\_\_\_\_. La crises de los siete años. In VIGOTSKY, L.S. **Obras Escogidas IV. Psicología Infantil**. Tradução de Lydia Kuper. Madrid: Visor, 1996.

WESSELING, Patrícia de B. Castilho. LACHMANN, Thomas. **Leitura dialógica e suas influências**. Departamento de Psicologia, 20\_\_?

WHITEHURST, G. J., FALCO, F. L., LONIGAN, C. J., FISCHER, J. E., DEBARYSHE, B. D., VALDEZ-MENCHACA, M.C., & CAULFIELD, M. **Accelerating language development through picture book reading**. Developmental Psychology, 1988.